



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

SELMA CRUZ SANTOS

**VARIAÇÃO NA LATERAL PALATAL EM FALARES ALAGOANOS:
DESPALATALIZAÇÃO E SEMIVOCALIZAÇÃO**

MACEIÓ
2018

SELMA CRUZ SANTOS

**VARIAÇÃO NA LATERAL PALATAL EM FALARES ALAGOANOS:
DESPALATALIZAÇÃO E SEMIVOCALIZAÇÃO**

Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para obtenção do Título de Mestra em Linguística.

Linha de Pesquisa: Teoria e Análise Linguística
Orientador: Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira
Coorientador: Prof. Dr. Almir Almeida de Oliveira

MACEIÓ
2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Janis Christine Angelina Cavalcante – CRB4:1664

- S237v Santos, Selma Cruz.
Variação na lateral palatal em falares alagoanos: despalatalização e semivocalização / Selma Cruz Santos. – Maceió, 2018.
66 f.: il. color., graf., tabs.
- Orientador: Alan Jardel de Oliveira.
Coorientador: Almir Almeida de Oliveira
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2018.
- Bibliografia: f. 61-63.
Anexos: f. 64-66.
1. Sociolinguística variacionista. 2. Falar alagoano; 3. Despalatalização.
4. Semivocalização da lateral palatal. I. Título.

CDU: 81'27

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA	
---	---	---

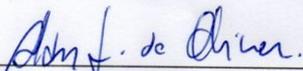
TERMO DE APROVAÇÃO

SELMA CRUZ SANTOS

Título do trabalho: VARIAÇÃO NA LATERAL PALATAL EM FALARES ALAGOANOS: DESPALATALIZAÇÃO E SEMIVOCALIZAÇÃO

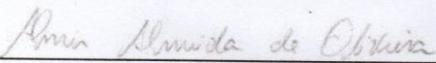
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:



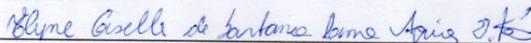
Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira (PPGL/UFAL)

Coorientador:



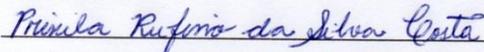
Prof. Dr. Almir Almeida de Oliveira (UNEAL)

Examinadores:



Prof. Dra. Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitorio (PPGL/UFAL)

Examinadores:



Prof. Dra. Priscila Rufino da Silva Costa (UNCISAL)

Maceió, 14 de maio de 2018.

A Deus, que me guiou e deu forças para superar os obstáculos desta caminhada.

A minha família, pela grande motivação para prosseguir em busca de minhas conquistas.

Aos meus professores, desde meus pais, que me ensinaram as primeiras letras, até os meus orientadores. Sem a contribuição de vocês, não entenderia a importância do conhecimento na construção e na transformação da vida de uma pessoa.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Alan, pelo sim ao meu pedido de orientação. Sem esse sim, não seria possível participar da seleção para o ingresso no mestrado. A ele também agradeço pelas orientações dadas para a realização deste trabalho.

Aos professores Dr. Aldir de Paula, Dra. Elyne Vitório pelas valiosíssimas contribuições dadas à produção desta dissertação.

Ao meu coorientador Dr. Almir Almeida de Oliveira, pelas importantes colocações e sugestões dadas durante o decorrer deste trabalho.

À Jeylla Salomé Barbosa, pois foi quem me apresentou a Sociolinguística Variacionista. Sendo ela que me orientou na graduação e que desde então segue me incentivando e motivando para que alcance meus objetivos. Amiga, professora, irmã, e que para sempre fará parte das minhas lembranças da graduação a linguística.

A Samuel Barbosa e a sua família, que esteve comigo desde o início das disciplinas como aluno especial. Apoiando-me e me motivando para a seleção e ficando feliz com nossa aprovação para a seleção do Mestrado.

À Ana Maria dos Santos Mendonça, Mariana Souza, Crislaini Dias, pelos aprendizados e conhecimentos compartilhados. Meu muito obrigado pela ajuda e pelo incentivo durante essa jornada, mesmo com toda a timidez. Hoje somos unidas pela linguística e hoje posso dizer que somos e estaremos ligadas pela linguística.

Aos professores do PPGLL, por compartilharem seus saberes, proporcionando-me a oportunidade de ampliar e sistematizar o conhecimento que adquiri em minha graduação.

Ao grupo FONUFAL, do qual participo, pelas discussões e sugestões dadas durante as apresentações iniciais de textos que usei tanto na revisão de literatura deste trabalho como para aprendizados e conhecimentos da área de fonética, prosódia e das demais áreas. Ao grupo Línguas Brasileiras, do qual também participo, agradeço pelas discussões e sugestões dadas durante as apresentações preliminares deste trabalho

À Edy Lidiana Lins dos Santos, Belinha, Redjane Albuquerque, Lucimara Nogueira e Alda Alves, pelo apoio, incentivo e motivação, mesmo não entendendo minha ausência. Obrigada, meninas, pela oportunidade de ter a amizade de vocês.

A todos aqueles que acreditaram e não acreditaram em mim, de alguma forma esses dois sentimentos adversos contribuíram para que tudo fosse possível.

RESUMO

Sob a luz da Teoria da Variação Linguística, analisamos o processo de variação na lateral palatal em falares alagoanos, cujas variantes são a lateral palatal (ou lateral alveolar palatalizada), a despalatalização e a semivocalização, como nos exemplos: [ˈmoʎɔ] ~ [ˈmoliʊ] ~ [ˈmolɔ] ~ [ˈmoju] (para molho) e [muˈʎɛ] ~ [muˈliɛ] ~ [muˈleɛ] ~ [muˈje] (para mulher), entre outros. O presente estudo integra o projeto de pesquisa “Variação Linguística no Português Alagoano - PORTAL”. O objetivo do trabalho é identificar e analisar os fatores linguísticos e sociais que influenciam os processos de despalatalização e semivocalização em falares alagoanos. Foi constituído um *corpus* de 2.615 observações (dos quais 19% correspondem à despalatalização e 16% correspondem à semivocalização), coletados por meio de entrevistas realizadas com 144 informantes em 6 cidades alagoanas. Todos os dados passaram por análise acústica para identificação das variantes. As variáveis linguísticas consideradas foram os *contextos anterior e seguinte*, a *tonicidade*, o *tamanho da palavra* e a *frequência*. As variáveis sociais consideradas foram o *sexo/gênero*, a *cidade*, a *idade* e a *escolaridade*. Como variáveis de nível mais agregado, foram analisados o *indivíduo* e o *item lexical*. Para a análise estatística foram utilizados métodos de regressão multinível com o auxílio do software R. Concluímos que a semivocalização não sofre interferência de nenhuma variável linguística, mas é favorecida por itens lexicais de frequência mais alta e que a despalatalização não sofre interferência da frequência, mas é favorecida, principalmente, pelo contexto seguinte composto por vogais coronais, o que caracteriza o processo como fonologicamente condicionado. Na análise das variáveis agregadas item lexical e indivíduo, concluímos a variação entre a semivocalização é muito influenciada pelos indivíduos e pelos itens lexicais; diferentemente da despalatalização, que parece ser um processo linguístico e social mais generalizado, atingindo de forma mais geral os itens lexicais e os indivíduos. A despalatalização pode ser caracterizada como um processo de variação diatópica em Alagoas, sendo favorecida na cidade de Delmiro Gouveia. A semivocalização, por outro lado, ocorre de forma mais uniforme nos diferentes falares e não apresentou realização diferenciada entre as cidades pesquisadas neste estudo. Em relação à variável escolaridade, concluímos que ela exerce grande influência no processo de semivocalização, porém pequena influência sobre a despalatalização. Sobre a variável sexo/gênero, os resultados são pouco conclusivos para a despalatalização e apontam favorecimento do sexo/gênero masculino na semivocalização. Analisando a variável faixa etária, concluímos que a despalatalização é um processo de variação estável e que a semivocalização trata-se de um processo de mudança linguística em progresso, com tendência ao desaparecimento da variante semivocalizada.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Falar Alagoano. Despalatalização e semivocalização da lateral palatal

RESUMEN

En la luz de la Teoría de la Variación Lingüística, analizamos el proceso de variación en el lateral palatal en hablantes alagoanos, cuyas variantes son el lateral palatal (o lateral alveolar palatalizado), la despalatalización y la semivocalización, como en los ejemplos: [moʎʊ] ~ [molʎʊ]] [[Molo] ~ [moju] (para la salsa) y [muʎɛ] ~ [mulʎɛ] ~ [mulɛ] ~ [mujɛ] (para mujer), entre otros. Este estudio forma parte del proyecto de investigación "Cambio Lingüístico en portugués Alagoas - Portal". El objetivo del trabajo es identificar y analizar los factores lingüísticos y sociales que influyen en los procesos de despalatalización y semivocalización en hablantes alagoanos. Se constituyó un corpus de 2.615 observaciones (de las cuales el 19% corresponde a la despalatalización y el 16% corresponde a la semivocalización), recogidos por medio de entrevistas realizadas con 144 informantes en 6 ciudades alagoanas. Todos los datos pasaron por análisis acústico para identificación de las variantes. Las variables lingüísticas consideradas fueron los contextos anterior y siguiente, la tonicidad, el tamaño de la palabra y la frecuencia. Las variables sociales consideradas fueron el sexo / género, la ciudad, la edad y la escolaridad. Como variables de nivel más agregado, se analizaron el individuo y el elemento léxico. Para el análisis estadístico se utilizaron métodos de regresión multinivel con la ayuda del software R. Concluimos que la semivocalización no sufre interferencia de ninguna variable lingüística, pero es favorecida por ítems lexicales de frecuencia más alta y que la despalatalización no sufre interferencia de la frecuencia, pero es favorecida, principalmente, por el contexto siguiente compuesto por vocales coronales, lo que caracteriza el proceso como fonológicamente condicionado. En el análisis de las variables agregadas ítem léxico e individual, concluimos la variación entre la semivocalización es muy influenciada por los individuos y por los ítems lexicales; a diferencia de la despalatalización, que parece ser un proceso lingüístico y social más generalizado, alcanzando de forma más general los elementos léxicos y los individuos. La despalatalización puede ser caracterizada como un proceso de variación diatópica en Alagoas, siendo favorecida en la ciudad de Delmiro Gouveia. La semivocalización, por otro lado, ocurre de forma más uniforme en los diferentes hablantes y no presentó realización diferenciada entre las ciudades investigadas en este estudio. En relación a la variable escolaridad, concluimos que ejerce gran influencia la semivocalización, pero pequeña influencia sobre la despalatalización. Sobre la variable sexo/género, los resultados son poco concluyentes para la despalatalización y apuntan favorecimiento del sexo/género masculino en la semivocalización. En el análisis de la variable grupo de edad, concluimos que la despalatalización es un proceso de variación estable y que la semivocalización se trata de un proceso de cambio lingüístico en progreso, con tendencia a la desaparición de la variante semivocalizada.

Palabras-clave: Sociolingüística Variacionista. Hablar Alagoano. Despalatalización y semivocalización del lateral palatal

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Composição da amostra por cidades.....	32
Tabela 2 - Distribuição das variantes [λ], [l] e [j].....	47
Tabela 3 - Distribuição comparativa das variantes nos estudos analisados.....	47
Tabela 4 - Distribuição das variantes [λ], [l] e [j] (itens com duas ou mais sílabas).....	48
Tabela 5 - Análise multivariada de regressão para as variáveis excluídas no processo de despalatalização.....	49
Tabela 6 - Análise multivariada de regressão para as variáveis incluídas no processo de despalatalização.....	49
Tabela 7 - Variável contexto seguinte no processo de despalatalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	50
Tabela 8 - Variável contexto anterior no processo de despalatalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	50
Tabela 9 - Variável cidade no processo de despalatalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	50
Tabela 10 - Variável faixa escolar no processo de despalatalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	51
Tabela 11 - Variável sexo/gênero e faixa etária no processo de despalatalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	51
Tabela 12 - Variáveis de nível agregado no processo de despalatalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	52
Tabela 13 - Análise multivariada de regressão para as variáveis excluídas no processo de semivocalização.....	53
Tabela 14 - Análise multivariada de regressão para as variáveis significativas no processo de <i>semivocalização</i>	53
Tabela 15 - Variável faixa escolar no processo de semivocalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	54
Tabela 16 - Variável faixa etária no processo de semivocalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	54
Tabela 17 - Variável sexo/gênero no processo de semivocalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	55
Tabela 18 - Variáveis de nível agregado no processo de semivocalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	56

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Oscilograma e Espectrograma da palavra ‘trabalhar’ (informante DE51M05).....	35
Figura 2 - Oscilograma e Espectrograma da palavra ‘mulher’ (informante UP71F06).....	36
Figura 3 - Oscilograma e Espectrograma da palavra ‘molho’ (informante AR42M07).....	36

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Cidades pesquisadas.....	30
Mapa 2 – Despalatalização em Alagoas.....	57
Mapa 3 - Distribuição da variação diatópica de /l/ nas capitais brasileiras.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação das variantes.....	37
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Interação das variáveis sexo/gênero e faixa etária no processo de despalatalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	52
Gráfico 2 - Variável faixa etária no processo de semivocalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	55
Gráfico 3 - Variável frequência no processo de semivocalização (análise multivariada de regressão logística multinível).....	56

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	REVISÃO DE LITERATURA	15
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
3.1	Teoria da variação e mudança linguística	24
3.2	Avaliação das variantes: variantes padrão/não padrão; estigmatizadas/prestigiosas e inovadoras/conservadoras	26
4.	METODOLOGIA	28
4.1	Comunidades de fala.....	29
4.1.1	Constituição da amostra	31
4.1.1	Coleta dos dados.....	31
4.1.2	Transcrição das entrevistas	32
4.1.3	Identificação e classificação das variantes	33
4.2	Variáveis independentes	36
4.2.1	Variáveis sociais	36
4.2.1.1	Sexo/Gênero	36
4.2.1.2	Faixa etária	37
4.2.1.3	Faixa escolar	38
4.2.1.4	Cidade.....	39
4.2.2	Variáveis Linguísticas	39
4.2.2.1	Contexto precedente e seguinte	39
4.2.2.2	Tonicidade	40
4.2.2.3	Tamanho da palavra.....	41
4.2.3	Indivíduo.....	41
4.2.4	Item lexical	41
4.2.5	Frequência do item lexical.....	42
4.3	Criação do banco de dados	42
4.4	Análise estatística.....	43
5	RESULTADOS	45
5.1	Análise de [ʎ] ~ [l] (despalatalização)	47
5.2	Análise de [ʎ] ~ [j] (semivocalização).....	52
5.3	Discussão	56
6.	CONCLUSÃO	60

REFERÊNCIAS	61
ANEXO 1	64
ANEXO 2	65
ANEXO 3	66

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, descrevemos o fenômeno da variação da consoante lateral palatal em falares alagoanos no nível fonético-fonológico, sob a luz da perspectiva teórico-metodológica da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]). O processo envolve a alternância entre a lateral palatal [ʎ]; a lateral alveolar [l] e semivogal [j] como, por exemplo, em [mu'ʎɛ], [mu'le] e [mu'je], para a palavra 'mulher'. Esta pesquisa tem com o objetivo identificar e analisar os fatores linguísticos e sociais que influenciam nos processos de *despalatalização* e *semivocalização* em Alagoas.

Muitos estudos debruçaram-se sobre tal alternância, dentre os quais (MADUREIRA (1987, 1997, 1999); CASTRO (2006); SOARES (2008); PINHEIRO (2009); FREIRE (2011); SANTOS (2012), dentre outros). Algumas controvérsias podem ser observadas nesses estudos. Em relação aos fatores linguísticos, alguns autores concluem que há atuação dos contextos adjacentes (CASTRO, 2006; PINHEIRO, 2009; FREIRE, 2011), do tamanho da palavra (FREIRE 2011), da classe da palavra (CASTRO 2006); outros, entretanto, concluem que variáveis linguísticas não explicam a variação na lateral palatal (MADUREIRA (1987, 1997, 1999); SOARES (2008); SANTOS (2012)). Além disso, grande parte dos estudos aponta a influência do item lexical no processo, seja pela frequência, seja pela especialização semântica de certos itens. Neste trabalho, apresentaremos resultados importantes para esses e outros aspectos envolvidos na variação na lateral palatal.

Esta dissertação encontra-se dividida em seis seções: na primeira, apresentamos nosso objeto de estudo e nossos objetivos. Na segunda seção, apresentamos uma revisão de literatura com trabalhos de cunho variacionista. Observamos a variação da consoante lateral palatal considerando sua realização em regiões diversas do território brasileiro e a influência das diferentes variáveis sociais e linguísticas no processo. Na terceira seção, são abordados e discutidos os pressupostos teóricos considerados neste estudo. Na quarta seção, apresentamos a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho para constituição da amostra, coleta e transcrição dos dados, codificação das variáveis e análise estatística. Na quinta seção, expomos os resultados da análise dos dados. Na sexta seção, são apresentadas as conclusões, apontando os avanços que esse estudo alcançou para uma melhor compreensão do tema.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção apresentaremos uma revisão de literatura sobre a variação na lateral palatal no Português Brasileiro (PB). O objetivo é identificar aspectos teóricos e metodológicos utilizados nas pesquisas sobre o tema e analisar comparativamente os resultados mais relevantes desses estudos.

O estudo pioneiro no Português Brasileiro sobre o tema é o de Madureira (1987). A autora investiga, sob a ótica da sociolinguística variacionista, as variantes lateral palatal [ʎ], lateral alveolar [l] e glide palatal [j]. Na análise quantitativa, os dados de [ʎ] e [l] são agrupados e analisados em contraposição a [j].

Madureira (1987) defende que a semivocalização se realiza por difusão lexical. A autora analisa as variáveis independentes vogal seguinte e precedente, tonicidade e o item lexical. Para as variáveis vogal seguinte e precedente, a autora afirma que “a maioria dos processos fonológicos pode ser explicada como fenômenos articulatórios ou de percepção. A assimilação tem explicação natural na coarticulação” (MADUREIRA, 1987, p. 37). Afirma ainda que “é possível imaginar que vogais palatais favoreçam a realização da variante padrão [ʎ] e vogais posteriores, as outras variantes (p. 37)”. Para a variável tonicidade, Madureira defende que

a transformação da lateral palatal para a semivogal palatal constitui-se num processo de redução. A evolução das línguas registra inúmeros exemplos onde a sílaba átona apresenta-se como favorecedora dos processos de redução. Nesse sentido, é possível que a sílaba átona favoreça a ocorrência de [y] (MADUREIRA, 1987, p. 38).

A análise do ‘item lexical’ fundamenta-se na proposta da difusão lexical, teoria que sugere que o controle da propagação de uma mudança está no falante, já que essa propagação se dá exatamente através daquele elemento pelo qual o falante percebe sua língua, o item lexical. De acordo com a autora, a teoria da difusão lexical ainda estabelece uma interferência direta do falante no processo de mudança linguística, na medida em que ele exerceria um controle da aplicação da regra fonológica, através de uma seleção de item lexical.

As variáveis sociais investigadas por Madureira (1987) foram: grupo socioeconômico, sexo, idade e estilo da fala. Em relação à variável estilo, a autora supunha que estilos menos formais favorecessem a vocalização, entretanto, isso não pode ser observado nos seus resultados. A vocalização não se mostrou sensível à influência de estilo mesmo no nível dos itens lexicais. A análise dos parâmetros estruturais e não estruturais evidenciou que a variação

envolve um processo de difusão lexical. Após as análises dos parâmetros estruturais, a autora chegou à conclusão de que o favorecimento da vocalização não se dá a nível fonológico, mas lexical, através do item trabalhar, visto que, mesmo com sua exclusão das análises, trabalhar neutraliza os resultados.

Em síntese, a autora conclui que a vocalização é mais saliente no grupo socioeconômico menos favorecido, entre homens, jovens e adultos e no estilo formal. Após as análises dos parâmetros estruturais e não estruturais, a autora evidenciou que a variação envolve um processo de difusão lexical, sem apresentar, todavia, um caso claro de reestruturação lexical. No grupo social menos favorecido, praticamente todos os itens lexicais apresentam vocalização, enquanto no grupo social mais favorecido, apenas quatro itens foram sensíveis ao fenômeno: trabalhar, velho, olha e filho. Porém, somente dois itens se destacaram por seus percentuais de vocalização nos dois grupos pesquisados - *trabalhar*, cujo percentual de vocalização é 6% no mais favorecido e 43% no menos favorecido; *velho*, cujo percentual obtido foi 10% de vocalização no mais favorecido e 37% no menos favorecido. Ainda de acordo com a autora, as análises dos parâmetros parecem ilustrar a aplicação de uma regra variável que se expande gradativamente através do léxico.

Madureira (1997) analisa a alteração de sentido e de contexto de fala na vocalização da palatal. A autora conclui que, em relação às condições de mudança nas realizações fonológicas dos itens, destaca-se o fator ‘significado’, cuja atuação foi delineada na interface dos componentes semântico e pragmático, na medida em que são evidenciados dois subfatores: alteração de sentido e contexto de fala (afetivo x referencial). A partir da análise dos itens “velho”, sendo utilizado como cumprimento, e “palha”, sendo utilizado com sentido de “atividade fácil e sem importância”, ambas com a variante [y], a autora afirma que a mudança fonológica tem por elemento desencadeador uma alteração de sentido que afeta determinado item lexical.

Madureira (1999) reflete sobre o papel desempenhado pelo modelo neogramático e pelo modelo da difusão lexical no processo da vocalização de lateral palatal e sobre as características do mesmo processo em outras línguas românicas. A autora distingue o fenômeno quanto à sua origem e quanto à sua implementação. Daí resulta o estabelecimento de diferentes estágios.

De acordo com Madureira (1999), o primeiro estágio trata da atuação do contexto linguístico no processo de variação. Conforme a autora, a variação não é sensível a contextos fonéticos, caracterizando-se como mudança *fisiologicamente motivada*. O segundo e terceiro

estágios apresentam indícios de que a variante [y] se implementa, em Belo Horizonte, de um grupo socioeconômico mais baixo para o outro, mais alto, por *Difusão Lexical*.

Por fim, a autora analisa a vocalização a partir ponto de vista das línguas românicas, quanto à sua origem e implementação, concluindo que foi possível refletir a atuação de fatores tais como o substrato linguístico e a atuação da norma culta. Para o primeiro, a autora afirma que trata-se de uma camada linguística inferior, constituída por uma língua nativa que é abandonada em favor de outra, de importação, deixando nesta alguns vestígios de sua influência, e que, no caso do PB, o percurso da variável não é linear. A autora não acredita ser coincidência o fato de serem os escravos apontados como os difusores da vocalização da lateral palatal e o fato de suas línguas originárias não conterem a lateral palatal. Para o segundo fator, que trata da atuação da norma padrão, a autora afirma que a lateral palatal vai sendo reincorporada, caracterizando um fenômeno de variação, implicando difusão por itens lexicais.

Madureira afirma ter fortes razões para acreditar que, nesse segundo momento do processo – atuação da norma padrão, a tentativa de correção da lateral palatal se tenha dado por difusão lexical, num processo que decorreria do seguinte fator: os movimentos sociais que levaram o elemento negro a contatos com o elemento português, em situações formais, deram início a um processo de correção submetendo-se aos princípios de atuação dos estilos de fala, conforme estabelecidos pela Teoria da Variação; variando de acordo com a posição que o indivíduo corrigido ocupava na rede de relações sociais (MILROY, 1980); implementando-se de um falante para o outro (SHEN, 1990) e atingido determinados itens lexicais, isto é, aqueles que iam surgindo nesses contatos.

Castro (2006), analisando o uso da semivogal [y] e a inserção da lateral palatal [ʎ] no PB, acredita que o processo se dê por difusão lexical. A autora assume como hipóteses: 1) “a presença da variável em estudo revela predominância da semivogal [y], o que aponta para o conservadorismo de um traço característico de línguas africanas” (hipótese defendida em MADUREIRA (1999)); 2) a preferência pela semivogal concentra-se na fala dos mais idosos, enquanto a preferência pela lateral palatal concentra-se na fala dos mais jovens, o que aponta para a caracterização da variação como mudança em progresso.

Castro investiga as variáveis linguísticas vogal precedente e vogal posterior, fundamentadas em Madureira (1987). A linguista investiga ainda a variável classe gramatical e as variáveis sociais faixa etária, sexo e grau de contato.

Castro apresenta como resultado o favorecimento da lateral palatal pelas vogais precedentes [ɔ] (PR=0.90) e [i] (PR=0.82) e pelas classes substantivo (PR=0.55) e adjetivo

(PR=0.82). Não são apresentadas conclusões sobre a influência do contexto precedente. Sobre a classe gramatical, a autora afirma que o resultado reflete o comportamento individual de determinados itens lexicais, o que seria indício para a hipótese da difusão lexical. Além disso, a palatal é favorecida pela faixa etária mais jovem (entre 25 e 45 anos) (PR=0.91). A autora afirma que a relação entre a variação e o fator idade é de extrema relevância, uma vez que a preferência pelo uso da semivogal concentra-se na fala dos mais idosos, o que se caracteriza como uma mudança em progresso evidenciada pelo tempo aparente. Castro (2006) afirma ser plausível a hipótese de Madureira (1999), segundo a qual, no PB, a presença da semivogal [y] é resultado de um processo de vocalização ocorrido, possivelmente, por influência de línguas africanas. Os resultados ainda permitem supor que, na comunidade de Maticão, há inserção da variável [ɺ] pelos falantes mais jovens, que mantêm contato mais frequente com a comunidade urbana de Jaboticatubas-MG.

Soares (2008) investiga a alternância entre a consoante lateral palatal [ɺ], a lateral palatalizada [lʲ]; a lateral alveolar/dental seguida de semivogal [lj] e a semivogal [y]. A autora apresenta as seguintes hipóteses para as variáveis linguísticas: classes de maior frequência favorecem a despalatalização; segmentos fonéticos vocálicos altos adjacentes favorecem a ocorrência da variante mais alta; sílabas tônicas favorecem a variante palatal; quanto maior o vocábulo menos ele estaria sujeito à despalatalização, especialmente à semivocalização, visto que a perda da substância fônica em palavras de maior extensão é um fato bastante comum às línguas.

Em relação às variáveis sociais, Soares (2008) apresenta as seguintes hipóteses: 1) falantes do sexo feminino tenderiam a manter as variantes palatais em comparação com os falantes masculinos; 2) falantes mais escolarizados tenderiam a manter a variante palatal; 3) falantes mais jovens tenderiam a manter a variante palatal; 4) falantes das regiões Sudoeste e Sudeste do Pará tenderiam à despalatalização.

Soares conclui que a variante de maior preferência entre o sexo feminino foi a variante [lj], seguida de [lʲ], enquanto no sexo masculino a preferida foi [j], o que confirma a hipótese de que as mulheres tenderiam a produzir as variantes palatais. Em relação à faixa etária, concluiu-se que os falantes mais jovens favorecem o uso da variante [j] PR=.378 e [lʲ] PR=.335. Já os sujeitos com idade entre 26 e 45 anos favorecem a variante [lj] PR=.401 e os sujeitos acima de 45 anos preferem a variante [lʲ] PR=.368. Conclui-se que a hipótese inicial para essa variável não se sustenta, pois os jovens realizam mais a variante [j] e os mais velhos realizam mais as variantes [lj] e [lʲ]. Os resultados para a variável escolaridade mostram que

indivíduos com menos escolaridade apontam pela variante semivocalizada. Enquanto aqueles com maior grau de escolaridade tendem ao uso de [lj] e [lʲ].

Os resultados quanto à origem geográfica permitem concluir que i) há duas formas de realização das variantes: de um lado, formas palatais/palatalizadas, representadas na fala de Belém, Bragança, Santarém e Soure, e, de outras formas despalatalizadas, representadas na fala de Altamira e Marabá: ii) a aproximação geográfica entre as regiões onde se situam essas últimas e a história comum de dinâmica migratória podem explicar a preferência pela semivocalização. Ainda, conforme a autora, é possível aventar também a hipótese de uma possível influência da colonização portuguesa em Belém, Bragança, Soure e Santarém, o que revelaria a preferência pelas formas palatal/palatalizada.

Pinheiro (2009) concorda com os resultados encontrados por Madureira (1987) e acredita que o processo de semivocalização se dê pela difusão lexical. Para tal, Pinheiro investiga as seguintes variantes - lateral palatal ou lateral seguida de semivogal [ʎ]; lateral alveolar [l]; vocalização [y] e zero fonético [Ø].

A autora investiga as variáveis linguísticas contexto anterior e seguinte, tonicidade da sílaba e item lexical. As variáveis sociais investigadas foram: sexo, grupo socioeconômico, faixa etária e escolaridade. Todas as hipóteses apresentadas pela autora estão fundamentadas no estudo de Madureira (1987).

A autora constatou que a realização da variante [y], em certos itens, como *mulher* e *filho*, pode estar relacionada à frequência com que esses itens são utilizados, pois, quanto mais acessados, mais suscetíveis à variação estarão. A autora faz comparações com outros itens e diz que é interessante observar que o item *trabalhar* (e suas flexões), que em Madureira (1987) apresentava um alto número de dados com alto número de aplicação (27%) da variante [y], apesar de também possuir alto número de dados (450 ocorrências), apresenta número baixo de aplicação (16%), o que demonstra que o papel que *trabalhar* possuía na implementação da variante [y] reduziu-se nesses vinte anos que separam a pesquisa de Madureira e a presente pesquisa. Apesar de a autora fazer a comparação entre os itens mais frequentes, a mesma só mostra os itens *mulher* e *filho*, explana sobre o item *trabalhar*, mas não discute os demais itens de frequência elevada.

A autora observou também que itens classificados como “especialização semântica¹”, como *velho*, *caralho* e *filho* favorecem a realização da variante vocalizada. Dessa forma, o

¹ Autora denomina “especialização semântica” os itens que tratam do significado diferente do encontrado em dicionários.

que se pode perceber, então, é que a vocalização se retém na comunidade de fala belorizontina por meio de certos itens, não sendo suscetível a fatores estruturais.

Freire (2011) também defende que a semivocalização se dê pela difusão lexical. A autora identifica as variantes lateral palatal [ʎ], lateral alveolar [l], vocalização [y] e zero fonético [Ø], porém analisa somente a contraposição entre a palatal e as demais variantes agrupadas.

Sobre as variáveis contexto fonológico seguinte e precedente, a autora afirma que Brandão (2007) e Chaves e Melo (2009) evidenciaram influência dos contextos adjacentes sobre vocalização. Em relação ao número de sílabas do vocábulo, acredita-se que o fator trissílabo seja o mais favorecedor do uso da variante padrão (MARTINS, 2004), como em *conse.ão*, *mu.áeres* e *bata.áa*. Sobre a variável classe morfológica, há evidências (BRANDÃO, 2007) de que os nomes são mais favorecedores do uso de /ʎ/. A respeito da variável tonicidade, a hipótese, baseada em Silva (1997, p. 77) é a de que o /ʎ/ ocorre mais na posição tônica, uma vez que o acento exige mais esforço para pronúncia da palavra, como em “*mulher*”, “*trabalhar*”, “*mu.áer*”, “*traba.áar*”. De acordo com Espiga (1997, p. 49), diversos aspectos relacionados à tonicidade da sílaba, sua posição ou, ainda, à distância a que se encontra da tônica a sílaba onde ocorre o fenômeno em estudo constituem-se em eventos relevantes no condicionamento de uma regra variável.

Freire (2011) investiga as variáveis sociais sexo, faixa etária, escolaridade e grupo social. A autora acredita que os falantes da comunidade de Jacaraú do sexo feminino produzem mais a lateral palatal do que os falantes do sexo masculino, tendo em vista o que a literatura pertinente aponta (OLIVEIRA e MOTA, 2007 – realizaram estudos em seis capitais nordestinas, a saber: Aracaju-SE, João Pessoa-PB, Maceió-AL, Recife-PE, Salvador-BA e Teresina-PI, concluindo que a manutenção do segmento /ʎ/ se dá principalmente na fala de informantes do sexo feminino; Chaves e Melo, 2009 – realizaram seu estudo em quatro bairros de Rio Branco (AC) e atestam que o predomínio da variante padrão ocorre mais em relação as mulheres).

Em relação à faixa etária, a hipótese é a de que as pessoas mais jovens tendem a utilizar a variante inovadora, como nos exemplos: [mu.áer ~ muler], [traba.áa ~ trabaja] e [fi.ão ~ fio] e as mais idosas a fazer uso da variável aceita como de prestígio. Neste sentido, objetiva-se verificar se os jovens são os que mais usam as variantes [l], [j], e [Ø] na comunidade jacarauense.

Em relação à escolaridade, a hipótese, baseando-se em Silva e Paiva (1996, p. 337 – 350) é a de que falantes com maior nível de escolaridade utilizariam mais a variante padrão

do que os falantes com menos ou nenhuma ano de escolaridade; supõe-se que, na comunidade de Jacaraú, os falantes com mais de 8 (oito) anos de escolaridade são os que mais utilizam a lateral palatal.

Freire concluiu que a preferência pela manutenção da variante [ʎ] se dá principalmente na fala dos informantes femininos e mais escolarizados. A partir dos resultados, a autora pôde constatar que a escolaridade funciona como o gatilho no controle da variação do fenômeno estudado. Além disso, os resultados encontrados revelam que os informantes com mais de 50 anos de idade são os que mais realizam as variantes consideradas não padrão, e que os informantes mais jovens dão preferência à lateral palatal. Esse resultado vai de encontro a hipótese referida a essa variável. Com relação ao Contexto Fonológico Seguinte, o fator que mais favorece a aplicação da regra é a vogal labial, com peso relativo 0,61. No caso do Contexto Fonológico Precedente, dois fatores se mostraram importantes para o condicionamento linguístico: vogais coronais (0,54) e dorsais (0,51). Em relação ao número de sílabas do vocábulo, o fator *trissílabos* favorece a vocalização.

Quanto aos aspectos abordados pela Geometria de Traços, a autora constatou que o fenômeno de variação da lateral palatal pode ser entendido:

- a) [ʎ ~ l] → como o desligamento da articulação menor (nó vocálico) do segmento /ʎ/, com cancelamento de um tempo e a criação do segmento simples /l/;
- b) [ʎ ~ j] → como desligamento da articulação maior do /ʎ/ do traço [coronal], também com o cancelamento de uma das unidades de tempo do fonema /ʎ/ e, posteriormente, a criação do segmento simples /j/ que no processo de ressilabificação será caracterizado como [j];
- c) [ʎ ~ Ø] → como desligamento da raiz, com o cancelamento das duas unidades de tempo existentes no segmento na lateral palatal, e conseqüentemente, seu desaparecimento nos níveis melódico e métrico.

Freire reconhece que as variantes que substituem o /ʎ/ não implicam em mudança de significado no dialeto em estudo, e que essas variantes constituem variação de um mesmo fonema, variação que por sua vez está condicionada por fatores sociolinguísticos e linguísticos. Também entendem o fenômeno de variação da lateral palatal como fato fonético, dentre outros autores, Bergo (1986), Aragão (2008), Chaves e Melo (2009) e Cruz (2009).

Santos (2012) também acredita que o processo de semivocalização se dê pela difusão lexical. A autora investiga as variantes lateral palatal [ʎ] e iotização [y] e levanta a hipótese de que os contextos adjacentes interferem no processo assumindo que a assimilação é o processo fonológico mais comum (KENSTOWICZ, 1994, p. 21). Dessa forma, a autora acredita que é

razoável propor que as vogais foneticamente mais próximas da semivogal [j] tendam a favorecer a variante vocalizada. Além disso, Madureira (1987, p. 38) sugere que

“a transformação da lateral palatal para a semivogal palatal constitui-se num processo de redução. A evolução das línguas registra inúmeros exemplos onde a sílaba átona apresenta-se como favorecedora dos processos de redução. Nesse sentido, é possível que a sílaba átona favoreça a ocorrência de [y]”.

Em relação à interferência do item lexical, a autora afirma que pode haver maior vocalização em itens mais frequentes e em expressões cristalizadas.

O estudo investiga as variáveis sociais gênero, faixa etária e escolaridade. Sobre a variável gênero, acredita-se que a iotização em Papagaios seja favorecida pelo gênero masculino, uma vez que as mulheres tendem a evitar formas estigmatizadas. Ela se fundamenta em trabalhos realizados em Belo Horizonte que apontam para um favorecimento do gênero masculino. Sobre a escolaridade, a autora acredita que a iotização seja mais favorecida entre os menos escolarizados. Em relação à faixa etária, a hipótese é a de que a faixa etária mais idosa favoreça a iotização, devido ao fato de esta região fazer parte de uma área que foi colonizada por falantes que não possuíam a lateral palatal [ʎ] no seu inventário fonético – os falantes do chamado dialeto caipira.

A autora conclui que há indícios de que a variação entre [ʎ] e [j] seja atribuída a um processo de assimilação. A autora se baseia em Silva (2005, p. 119), “os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram”, e, segundo Kenstowicz (1994, p. 21), a assimilação é o processo fonológico mais comum. Portanto, os traços [+alta], [+anterior] e [-arredondada] favorecessem a presença da variante vocalizada [j], já que foneticamente esse glide é uma vogal [i], que possui tais traços. No entanto, essas variantes apresentam influência também de características do item lexical, como a participação em expressões cristalizadas e em nomes próprios. No caso de Papagaios, ficou patente a maior tendência à vocalização de /ʎ/ no item *filha* quando parte da expressão cristalizada *minha filha*. A observação da atuação do fator natureza do nome permitiu concluir que os topônimos (nomes de lugares) da região de Papagaios tendem a apresentar a variante [j] que os outros tipos de nome.

Na análise das variáveis sociais, os gêneros masculino e feminino apresentam tendências opostas quando se analisa este fator em relação à escolaridade e à idade. A autora pensa que o padrão encontrado nos dados de fala possa refletir diferenças entre os gêneros na estrutura social de Papagaios. Quanto à variável escolaridade, a autora observa que, conforme esperado, os indivíduos menos escolarizados têm maior tendência a apresentar a variante [j], o que de acordo com a autora aponta para a possível estigmatização da variante. A variável idade mostrou favorecimento leve da variante [j] pela faixa etária mais idosa (40-60), o que

pode indicar 1) mudança em progresso e 2) extinção da variante [j] em Papagaios no futuro. Ainda conforme a autora, os resultados não permitem confirmar, mas permitem manter a hipótese de que a variante [j] era categórica na região e o que está ocorrendo na comunidade de Papagaios é a introdução da lateral palatal, a variante que atualmente detém prestígio.

Em síntese, a maioria dos estudos selecionados nos mostra que a vocalização tende a ser favorecida pelo gênero masculino, pelos idosos e pelas pessoas que possuem pouca escolaridade. Há poucos e inconclusivos resultados sobre a variante [l].

Sobre as variáveis linguísticas, os resultados observados em outros estudos são destoantes e inconclusivos. A hipótese de que a vocalização envolveria assimilação de traços de segmentos adjacentes é levantada em quase todos os trabalhos, porém nenhum deles demonstra que tal hipótese é verdadeira. Os resultados apresentados em Freire (2011), associando a vocalização a segmentos seguintes labiais e segmentos anteriores coronais e dorsais, não têm fundamento do ponto de vista fonológico. O mesmo se pode dizer do favorecimento do processo por palavras trissílabas. Os resultados de Castro (2006), que apresentam como favorecedores os segmentos anteriores [ɔ] e [i] e as classes dos substantivos e adjetivos, também não têm amparo teórico.

Quase todos os estudos (com exceção de Freire (2011)) concordam com a hipótese de Madureira (1987), de que a vocalização é um processo lexical, sem condicionamento linguístico. Tal hipótese é frequentemente levantada quando surgem, para variáveis linguísticas, resultados estatisticamente significativos, porém sem justificativa teórica. O favorecimento do léxico na vocalização ocorreria em duas direções: em palavras mais frequentes e em palavras com algum tipo de especialização semântica, envolvendo mudança de significado, como é o caso dos itens ‘velho’, ‘filho’ e ‘olha’.

Apesar de ser quase consenso que a vocalização trata-se de um processo lexical, não há, em nenhum trabalho, testes estatísticos comprovando tal hipótese. Os resultados limitam-se a apontar um aumento do processo em itens mais frequentes ou semanticamente especializados.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentamos a teoria que fundamentará esta pesquisa, a teoria da variação e da mudança linguística, desenvolvida, principalmente, por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972).

3.1 Teoria da variação e mudança linguística

Ao contrário de perspectivas teóricas anteriores, que concebiam a língua como homogênea, a sociolinguística propõe a presença de um componente social para a análise linguística e a noção de língua como um sistema heterogêneo, considerando assim a língua de grupos sociais no contexto da comunidade de fala. Além disso, considera variáveis linguísticas e sociais para melhor explicar os fenômenos de variação e mudança linguística. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126), fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística.

Conforme Labov (2008 [1972], p. 313),

A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística.

Nesta pesquisa, a alternância entre as formas ‘mu[ʌ]er’, ‘mu[l]é’ e ‘mu[j]é’, de significados equivalentes, é um exemplo de variação linguística no nível fonético-fonológico.

Conforme Tarallo (1985, p. 8),

“em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação [...] a essas formas em variação dá-se o nome de *variantes*.” As *variantes linguísticas* são as diversas maneiras de se dizer ‘a mesma coisa’ dentro de um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Ainda de acordo com o autor, “a um conjunto de *variantes* dá-se o nome de *variável linguística*.”

Neste trabalho, a variável linguística investigada é a alternância entre as variantes ‘mu[ʌ]er’, ‘mu[l]é’ e ‘mu[j]é’.

Segundo Labov, a variação linguística não é aleatória, ao contrário, ela é regida por aspectos linguísticos e sociais que podem interferir no emprego das variantes. Os aspectos linguísticos podem ser de natureza fonológica, morfológica, sintática, dentre outros. Dentre os aspectos sociais, os mais frequentemente analisados têm sido etnia, sexo/gênero, escolaridade, classe social e faixa etária. Tais aspectos serão mais aprofundados na seção “Metodologia”.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), não se pode entender a mudança linguística “sem se considerar a evidência histórica disponível no processo de mudança no interior de uma comunidade de fala”. A variação observada na comunidade de fala pode caracterizar-se como mudança linguística em progresso ou ainda pode ser um padrão que se repete por gerações, sem mudanças observáveis no sistema. Essa observação levou Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) a afirmarem que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade (p. 125).”

A mudança linguística começa quando uma variante é inserida no sistema linguístico de um grupo e esse passa a utilizá-la sistematicamente, podendo se espalhar para outros subgrupos. Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968] p. 124),

Uma vez que a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, ela é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema. Tal generalização não tem nada de instantânea, e a mudança na estrutura social da comunidade normalmente intervém antes que o processo se complete. Novos grupos entram na comunidade de fala, de tal modo que uma das mudanças secundárias se torna primária.

A mudança linguística ocorre quando uma variante é completamente substituída por outra; entretanto, é possível analisar a mudança linguística em progresso. A mudança linguística em progresso é observada quando há um aumento da frequência de realização de uma variante em detrimento de outra com o passar do tempo. Pode-se investigar a mudança em progresso diacronicamente, comparando-se dois tempos distintos (mudança em tempo real).

Segundo Labov (1972), o estudo da mudança linguística em *tempo real* consiste em uma análise dos processos de mudança que ocorrem de forma gradual em toda a comunidade linguística ou mudanças de comportamento linguístico de determinados indivíduos ao longo da sua vida.

Entretanto, conforme propõe Labov (1972), é possível investigar a mudança linguística em progresso sincronicamente a partir da análise da variável idade (mudança em tempo aparente). De acordo com o autor, o estudo do tempo aparente é “a primeira e mais simples abordagem para se estudar uma mudança linguística em progresso” (LABOV, 1994, p. 45). Conforme Weinreich, Labov e Herzog, ao identificar a mudança como face sincrônica da variação, rompem-se as fronteiras entre sincronia e diacronia.

Labov (1972) afirma que a maneira mais adequada de se fazer o estudo da mudança em tempo aparente será sempre pela associação com as evidências fornecidas pelo estudo de mudança em tempo real.

3.2 Avaliação das variantes: variantes padrão/não padrão; estigmatizadas/prestigiosas e inovadoras/conservadoras

As variantes linguísticas podem ser classificadas em diferentes perspectivas: padrão vs. não padrão; culto vs. popular, estigmatizadas vs. de prestígio; inovadora vs. conservadora. As *variantes padrão* são aquelas previstas nas gramáticas normativas; as *variantes não padrão* são aquelas não previstas em tais gramáticas. Além de cada comunidade apresentar suas variações, Faraco defende que cada falante domina mais de uma variante e que, se necessário, “mudará sua forma de falar (sua norma) variavelmente de acordo com as redes de atividades e relacionamentos em que se situa” (FARACO, 2008, p. 41).

A variante culta é compreendida por Faraco (2002, p. 39), como aquela

“praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social.

Já a variante popular é entendida como menos aceita dentro da comunidade, já que está intimamente relacionada à classe social baixa, a falantes com pouca ou nenhuma escolarização ou por filhos de pais de baixo poder econômico e que, assim como eles, não tinham acesso à escola, ou por moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades. A variante popular fica evidenciada pelos julgamentos de falantes de outras variantes, dizendo que estes “‘não sabem falar’, ‘falam mal’, ‘falam errado’, ‘são incultos’, ‘são ignorantes’, etc.” (FARACO, 2002, p. 39).

As *variantes conservadoras* fazem parte do acervo linguístico da comunidade há mais tempo; as *variantes inovadoras* são as formas mais novas, surgidas há menos tempo na língua. Em processos de mudança linguística, as variantes inovadoras tendem a substituir as variantes conservadoras.

As *variantes estigmatizadas* são aquelas menos aceitas socialmente, de menor prestígio social e estão intimamente relacionadas à classe social e ao poder econômico. As *variantes de prestígio/prestigiosas* são as reconhecidas como possuidoras de prestígio social entre os membros da comunidade. “Assim, algumas variedades recebem avaliação social positiva, enquanto outras são desprestigiadas e até estigmatizadas” (FARACO, 2008, p. 72).

Tarallo (1985, p. 12) explica as diferenças entre as variantes de forma sucinta, afirmando que:

Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a

variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [Ø], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não padrão. .

4 METODOLOGIA

Neste trabalho, adotamos a proposta metodológica da sociolinguística variacionista, apresentada principalmente em Labov (2008 [1972]) para a análise da variação e da mudança linguística, a qual prevê a identificação de um processo variável em uma comunidade de fala, a seleção de informantes, a coleta e análise de entrevistas e a análise quantitativa da variação em busca dos fatores que interferem no processo de variação.

Esta pesquisa integra o projeto ‘Variação linguística no português alagoano – PORTAL’² (OLIVEIRA, 2017), aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Alagoas, parecer nº 621.763. O objetivo principal desse projeto é o de compor um banco de dados de falares alagoanos. O projeto PORTAL dispõe, atualmente, de dados de fala espontânea de 420 falantes de 10 cidades alagoanas, estratificados em relação ao sexo/gênero, à idade e à escolaridade. Os dados estão gravados, transcritos e sincronizados com o software PRAAT e têm acesso livre para toda a comunidade científica através do site www.portuguesalagoano.com.br.

O projeto PORTAL contém dois bancos de dados: um banco de cidades alagoanas (denominado ‘Alagoas’), o qual mantém intervalos entre as faixas etárias e as faixas de escolaridade e um banco somente da cidade de Maceió, sem intervalos entre faixas etárias e escolaridades (chamado ‘Maceió’). A amostra ‘Alagoas’ contém dados gravados, transcritos e publicizados de 10 cidades alagoanas (Maceió, São Miguel dos Milagres, União dos Palmares, Capela, São Miguel dos Campos, Palmeira dos Índios, Arapiraca, Penedo, Santana do Ipanema e Delmiro Gouveia). Neste estudo, utilizaremos dados da amostra ‘Alagoas’ analisando dados das 6 cidades que, à época da análise, faziam parte da amostra (Maceió, São Miguel dos Milagres, União dos Palmares, Arapiraca, Santana do Ipanema e Delmiro Gouveia).

Neste trabalho, contribuí com dados de 36 participantes da cidade de Maceió (seleção, gravação e transcrição), dos quais 24 foram utilizados nesta pesquisa.

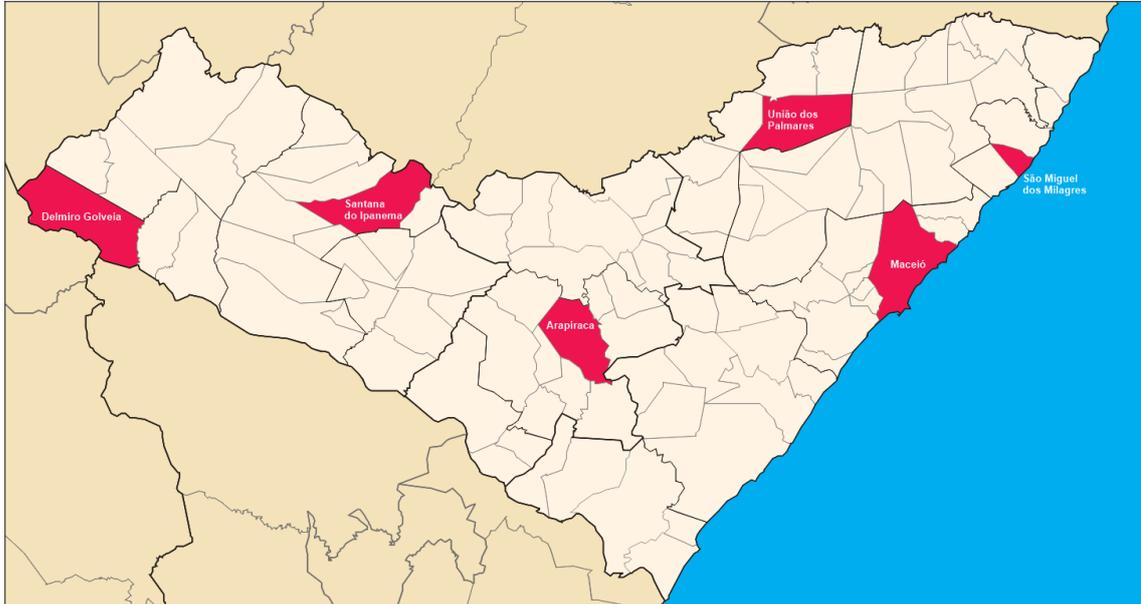
A seguir, apresentaremos uma descrição das cidades pesquisadas.

² Projeto financiado pelo CNPq (406218/2012-9)

4.1 Comunidades de fala

Vejam os a seguir um mapa de localização das cidades analisadas (uma cidade em cada microrregião):

Mapa 1: Cidades pesquisadas



Fonte: Variação Linguística no Português Alagoano - PORTAL

A cidade de Arapiraca pertence à mesorregião do Agreste Alagoano, Microrregião Arapiraca. Seu fundador foi Manoel André Correia dos Santos. Seu povoamento iniciou-se na primeira metade do século XIX. Foi elevada à categoria de município em 30 de outubro de 1924 (93 anos). Além disso, na década de 70, a cidade ficou conhecida como ‘Capital do fumo’ por ser um dos maiores produtores de fumo do país. Sua população é de aproximadamente 234.185 habitantes (estimativa do IBGE para 2017), sendo a 2ª cidade mais populosa do estado. Apresenta Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M)³ de 0,649 (considerado ‘médio’, segundo o IBGE) (IDH-Alagoas=0,631, IDH-Brasil=0,759). A renda média mensal é de 1,7 salários mínimos.

Delmiro Gouveia pertencente à Mesorregião do Sertão Alagoano, Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco. Seu povoamento iniciou-se na segunda metade do século XVIII. Três irmãos da família Vieira Sandes foram os primeiros habitantes, segundo consta nos registros da Prefeitura Municipal. O cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia chegou à região no início do século XX (1903), trazendo à região vários empreendimentos.

³ É uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 e 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano.

Em 14 de fevereiro de 1954 (63 anos), o local foi elevado à categoria de município. Sua população é de aproximadamente 52.597 habitantes. O IDH-M do município é de 0,612 (médio) e a renda média mensal é de 1,7 salários mínimos.

Maceió é a capital do Estado de Alagoas, situada na microrregião homônima e mesorregião do Leste Alagoano. No século XVII, navios portugueses atracavam na região para carregarem madeiras das florestas litorâneas. Em 1673, o rei de Portugal determinou ao Visconde de Barbacena a construção de um forte no porto de Jaraguá para evitar o comércio ilegal do pau-brasil, o que ocasionou um grande desenvolvimento da região. A vila de Maceió foi desmembrada da Vila de Alagoas (atual cidade de Marechal Deodoro) em 1815 e foi transformada em cidade em 1839, quando D. João VI assinou o alvará régio. Maceió é o município mais populoso de Alagoas, com população de aproximadamente 1.029.129 habitantes. Possui IDH-M de 0,721 (considerado 'elevado') e renda média mensal de 2,7 salários mínimos.

Santana do Ipanema é a principal cidade da mesorregião do sertão de Alagoas, situada na microrregião de Santana do Ipanema. No século XVIII, Santana do Ipanema era um pequeno arraial habitado por índios e mestiços. Tornou vila em 1825 e elevou-se à categoria de cidade em 1921. Sua população é de aproximadamente 48.232 habitantes. O IDH-M do município é de 0,616 (médio) e a renda média mensal é de 1,7 salários mínimos.

São Miguel dos Milagres é uma cidade pertencente à Mesorregião do Leste Alagoano, Microrregião Litoral Norte Alagoano. Sua colonização iniciou-se no período da invasão holandesa em Alagoas (século XVII), quando moradores de Porto Calvo fugiram para a região. O povoado foi elevado a vila de Porto de Pedras em 1864. A emancipação ocorreu somente 1960. Sua população é de aproximadamente 8.022 habitantes. O IDH-M do município é de 0,591 (considerado 'baixo') e a renda média mensal é de 1,8 salários mínimos.

União dos Palmares pertencente à mesorregião do Leste Alagoano e à Microrregião Serrana dos Quilombos. Trata-se de um dos mais antigos municípios de Alagoas. Os primeiros habitantes datam de finais do Século XVI, quando negros fugitivos de engenhos de açúcar dos estados de Alagoas e Pernambuco chegaram à Serra da Barriga, onde instalaram a sede do Quilombo dos Palmares (surgido por volta de 1580). As primeiras habitações do município de União dos Palmares surgiram no século XVIII, num povoado chamado "Macacos", à margem esquerda do rio Mundaú. O crescimento do povoado provocou seu desmembramento do município de Atalaia em 1831. Em 1944, ocorreu a mudança de denominação para "União dos Palmares", em homenagem ao quilombo que permaneceu na região por quase um século. Sua população é de aproximadamente 66.477 habitantes. O IDH-

M do município é de 0,600 (considerado ‘médio’) e a renda média mensal é de 1,6 salários mínimos.

4.1.1 Constituição da amostra

A amostra desta pesquisa foi constituída por 144 participantes, 24 por cidade pesquisada. Os critérios de inclusão foram (1) ter nascido no município, (2) não ter se ausentado do município por mais de 10 anos e (3) ter ambos os pais nascidos também no município (preferencialmente). A amostragem foi não probabilística utilizando-se a técnica denominada “bola de neve”, no qual os participantes foram selecionados por indicação de amigos ou conhecidos. Foram abordadas pessoas não conhecidas do entrevistador, mas que fossem conhecidos de alguém que o entrevistador conhecesse. Milroy (2004) utilizou tal técnica, denominado-a ‘amigo de um amigo’.

A amostra por cidade foi composta por cotas, considerando as variáveis sociais *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*, estratificadas conforme a tabela a seguir:

Tabela 1: Composição da amostra por cidade

Sexo/Gênero	Escolaridade	Faixa etária		
		18-35 anos	40 a 55 anos	> 65 anos
Feminino	< 9 anos	2	2	2
	> 11 anos	2	2	2
Masculino	< 9 anos	2	2	2
	> 11 anos	2	2	2
TOTAL		24 participantes por cidade		

Fonte: Projeto PORTAL (OLIVEIRA, 2017)

4.1.1 Coleta dos dados

Conforme Labov (2008 [1972]) é a partir da fala menos monitorada (o chamado vernáculo) que se obtém os dados mais sistemáticos para análise da variação linguística. Para alcançarmos a fala vernacular, o autor propõe a elicitación de narrativas de experiência pessoal nas quais os informantes estariam bastante envolvidos emocionalmente, prestando menos atenção à fala.

Labov (2008 [1972]) identifica o que chama de ‘paradoxo do observador’: a pesquisa sociolinguística tem como objetivo a análise da fala menos monitorada, porém a coleta de

dados por meio de gravadores tende a aumentar o monitoramento da fala. Labov (2008 [1972-]) propõe que uma maneira de superar tal paradoxo é romper os constrangimentos da situação da entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja.

Tendo isso em vista, neste trabalho, os participantes foram informados de que a conversa seria sobre memórias da infância, memórias recentes e de opiniões sobre temas polêmicos. A fim de buscarmos a diminuição do monitoramento estilístico, informávamos que o objetivo das perguntas era o de verificar a capacidade da pessoa de lembrar-se de fatos do passado antigo e recente com a maior quantidade de detalhes possível e saber sua opinião sobre certos temas polêmicos (ANEXO 1).

Ao entrar em contato com os participantes, foi evitado o uso da palavra ‘entrevista’. Ao invés dessa palavra, foi utilizada a palavra ‘conversa’. Inicialmente foi informado aos participantes que a conversa seria gravada e que somente pesquisadores teriam acesso à gravação dos dados e ao questionário social (ANEXO 2) que foi devidamente preenchido ao final de cada gravação assim como o Termo de Consentimento Livre (ANEXO 3), termo que autoriza a utilização dos áudios gravados e dos questionários.

Para a gravação, foi utilizado um gravador de voz da marca TASCAM, modelo DR-100. As gravações foram realizadas em formato .wav, com taxa de amostragem de 24bits e resolução de 48kHz. Utilizou-se também um microfone headset condensador cardióide unidirecional da marca Arcano, modelo WZ-1000. As gravações tiveram duração entre 9 e 11 minutos.

4.1.2 Transcrição das entrevistas

As entrevistas foram transcritas de acordo com a ortografia padrão, seguindo as orientações de transcrição do Projeto Portal. As transcrições foram feitas com o software PRAAT, o que possibilitou a sincronização entre áudio e transcrição. Os intervalos no PRAAT foram criados em função das pausas (silêncio maior ou igual a 200ms). Foram criados 3 *tiers*: para falas do documentador; para a fala do participante e para ‘outros’, que se registraram falas de terceiros ou outros sons.

A codificação dos colaboradores se deu conforme o exemplo: o participante DE19M13 era morador da cidade de Delmiro Gouveia (DE), tinha 19 anos, era do sexo masculino (M) e tinha 13 anos de escolaridade.

4.1.3 Identificação e classificação das variantes

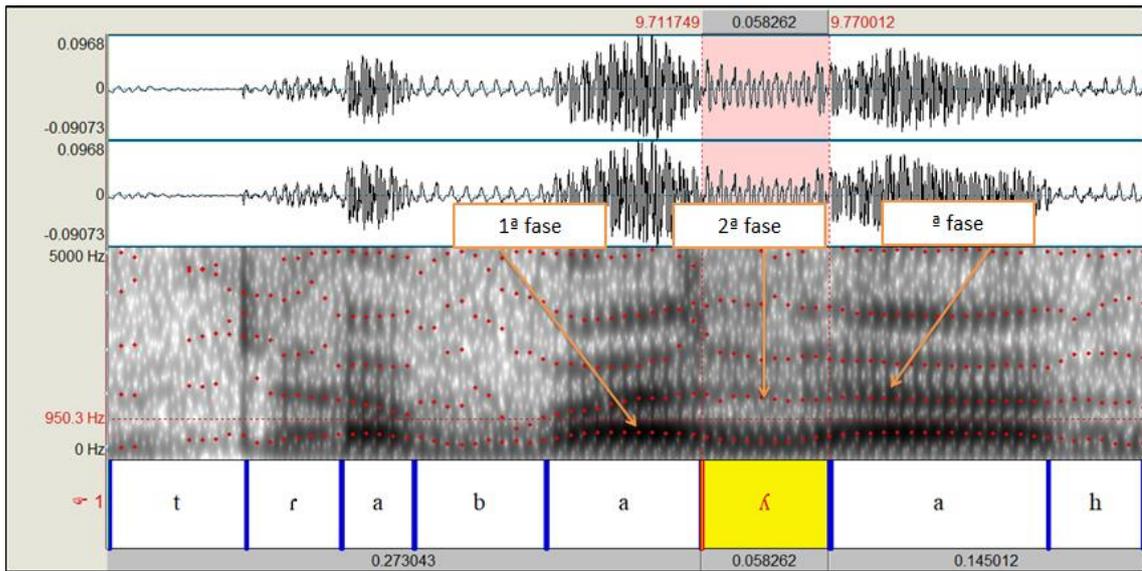
A seleção das ocorrências nos dados foi feita de forma automática, utilizando recursos de editores de textos (busca e destaque das ocorrências das letras ‘lh’). Todas as ocorrências foram analisadas acusticamente para identificação mais objetiva das variantes. A seguir, apresentaremos os parâmetros acústicos utilizados na identificação das variantes da lateral palatal, dentre as quais, além da lateral palatal, a lateral alveolar e o glide anterior.

Do ponto de vista acústico, o aspecto visual das ondas sonoras das consoantes líquidas (como a lateral palatal) apresenta características ao mesmo tempo consonantais e vocálicas. As consonantais são causadas pela obstrução de ar na região alveolar ou palatal; e as vocálicas, causadas pela livre passagem de ar através das laterais.

Conforme Barbosa e Madureira (2015), as consoantes laterais são sons produzidos com obstrução total entre articuladores na parte central da cavidade bucal. Essa configuração deixa as laterais da cavidade bucal livres, por onde passa a corrente de ar. O resultado acústico é uma onda de menor amplitude do que as vogais e um espectro caracterizado por predominância de ressonância baixa.

Em relação à lateral palatal, Silva (1996) identificou três fases acústico-articulatórias. A primeira fase ocorre na transição da vogal para a consoante [ʎ], momento em que se identifica o início do distanciamento entre F1 e F2. A segunda fase equivale ao estado estacionário da lateral palatal – ponto em que F1 e F2 estão distanciados consideravelmente. A terceira fase corresponde à transição de [ʎ] para a vogal procedente e pode ser identificada no espectrograma por sua configuração de formantes semelhante à de uma vogal anterior alta [i]. Na Figura 1, pode-se observar as três fases descritas pela pesquisadora:

Figura 1: Oscilograma e Espectrograma da palavra ‘trabalhar’ (informante DE51M05)

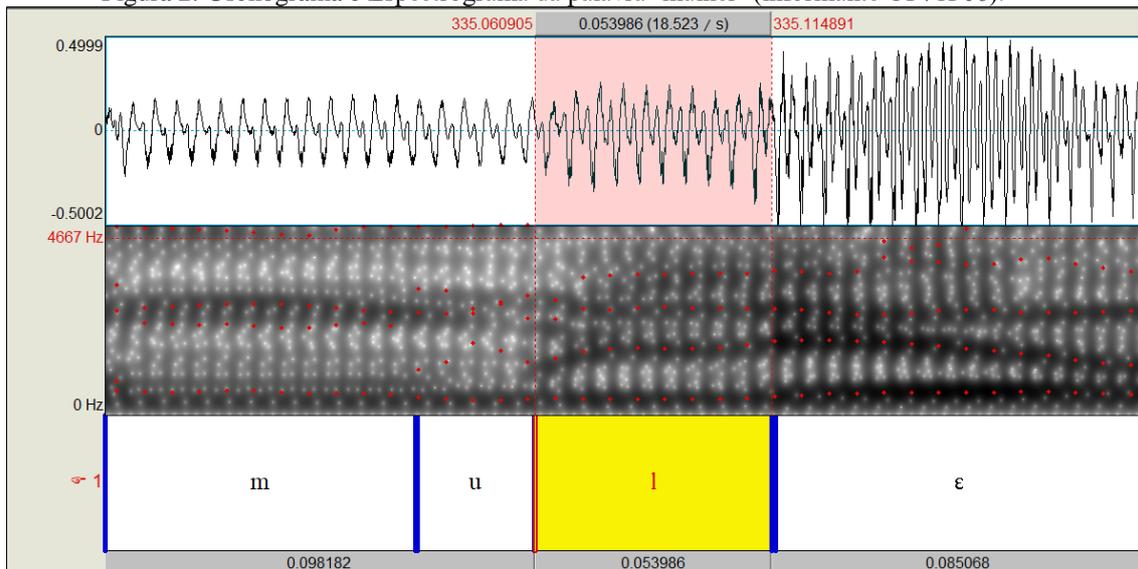


Fonte: Elaboração própria

As três fases acústico-articulatórias da consoante lateral palatal podem ser identificadas por meio da posição dos cursores indicada pelas setas. O primeiro mostra a queda da amplitude da vogal [a], até o momento em que essa atinge uma amplitude mais baixa que as demais regiões na figura 3. Neste ponto, onde a amplitude é mais baixa, tem-se o estado estacionário. Em seguida, a amplitude volta a crescer.

Para Silva (1996, p. 115), as características acústicas da consoante lateral alveolar – “continuidade espectral, trajetória de formantes bem definida e forma de onda regular” – fazem com que [l] seja muito semelhante às vogais, diferenciando-se na “amplitude dos períodos, visível na forma de onda, que é menor para a lateral”. Vejamos a figura abaixo, contendo a variante lateral despalatalizada:

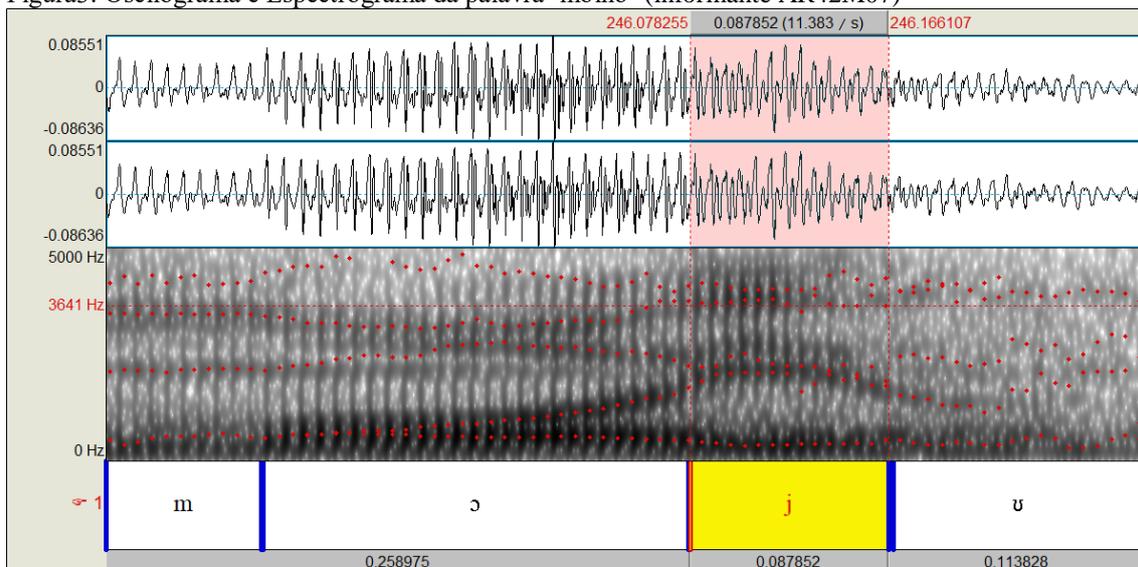
Figura 2: Oscilograma e Espectrograma da palavra 'mulher' (informante UP71F06).



Fonte: Elaboração própria

Na figura 3, observamos a variante semivocalizada. Podemos notar que o primeiro formante (F1) é mais baixo que os demais segmentos e tem o valor de aproximadamente 396,5Hz, esse abaixamento é acompanhado de um recuo da língua.

Figura3: Oscilograma e Espectrograma da palavra 'molho' (informante AR42M07)



Fonte: Elaboração própria

A sua articulação pode ser entendida como um movimento relativamente lento que procede de uma configuração do trato vocal adequada para a vogal seguinte. A aproximante /j/ tem um estreitamento vocal similar ao da vogal /i/. A língua assume uma posição alta anterior, quase tocando a região pré-palatal.

Neste trabalho, a variável dependente é composta pelas seguintes variantes:

Quadro 1: Classificação das variantes

Variante	Símbolo Fonético	Exemplo (trabalha)
Lateral Palatal	[ʎ] ⁴	[tra'baʎa]
Lateral Alveolar	[l]	[tra'bala]
Aproximante palatal	[j]	[tra'baja]

Fonte: Elaboração própria

4.2 Variáveis independentes

4.2.1 Variáveis sociais

4.2.1.1 Sexo/Gênero

Neste trabalho, a classificação da variável *sexo/gênero* foi obtida a partir do campo *sexo* do questionário social do Projeto PORTAL, preenchido pelo entrevistador com base na *expressão de gênero*. Utilizaremos aqui o termo *sexo/gênero* (mais comum nos estudos variacionistas, conforme Freitag (2015)) para referir-se a categorias socialmente construídas.

A diferença entre a fala de homens e mulheres tem sido investigada desde os primeiros estudos variacionistas (FISHER (1974[1958]), LABOV (1966), LABOV (1972)).

Labov (1990) estabelece os seguintes princípios:

*Princípio I: Para variáveis sociolinguísticas estáveis, os homens usam com maior frequência as formas não padrão do que as mulheres*⁵ (LABOV, 1990, p.210).

*Princípio II: Em mudança de cima, as mulheres favorecem a forma de prestígio mais do que os homens*⁶. (LABOV, 1990, p.221).

Ainda conforme o autor:

⁴ De acordo com Quandt (2014) as variantes [ʎ] e [lj] são muito semelhantes do ponto de vista articulatório e acústico. Por essa razão, agrupamos as variantes [ʎ] e [lj].

⁵ *Principle I: For stable sociolinguistic variables, men use a higher frequency of nonstandard forms than women.*

⁶ *In change from above, women favor the incoming prestige form more than men.*

Muitos relatos de mudanças linguísticas tratam de alterações na distribuição social de variáveis linguísticas bem conhecidas. Estes se enquadram na categoria geral de mudança de cima. Eles ocorrem em um nível relativamente alto de consciência social, mostram uma maior taxa de ocorrência em estilos formais, muitas vezes estão sujeitos a hipercorreção, e às vezes mostram estereótipos abertos como com variáveis sociolinguísticas estáveis. Como as mudanças de cima compartilham muitas das propriedades de variáveis sociolinguísticas estáveis, não é surpreendente que o papel dos sexos seja semelhante e as mulheres lideram na aquisição de novos padrões de prestígio e na eliminação de formas estigmatizadas⁷ (LABOV, 1990, p.213). (Tradução nossa)

Labov (2001) aprimora a relação entre mudança linguística e gênero ao demonstrar o que denominou *paradoxo do gênero* (Gender Paradox), que inclui duas afirmações:

- (a) Quando se trata de mudanças vindas de cima (changes from above), as mulheres utilizam mais as formas de prestígio do que os homens.
- (b) Quando se trata de mudanças vindas de baixo (changes from below), as mulheres são as líderes da mudança linguística, o que significa que quando as mudanças iniciam, as mulheres são mais rápidas do que os homens em utilizarem o novo símbolo social. Assim, ao iniciarem a mudança linguística, elas produzem uma diferenciação de gênero (entre elas e os homens).

Muitos trabalhos, conforme observamos na revisão de literatura, apontam a variante semivocalizada como socialmente estigmatizada nas diversas comunidades de fala estudadas (MADUREIRA (1987, 1997), SOARES (2008), FREIRE (2011) e SANTOS (2012)). Tal variante, seria, portanto, um tipo de mudança vinda de cima e que, seguindo o paradoxo do gênero estabelecido por Labov (2001), seria esperado que falantes do gênero feminino optassem pela variante palatal.

4.2.1.2 Faixa etária

Neste trabalho, os informantes foram selecionados em três *faixas etárias*: entre 18 e 30 anos, entre 40 e 55 anos e acima de 65, seguindo os critérios estabelecidos pelo Projeto

⁷ *Many reports of linguistic change deal with alterations in the social distribution of well-known linguistic variables. These fall into the general category of change from above. They take place at a relatively high level of social consciousness, show a higher rate of occurrence in formal styles, are often subject to hypercorrection, and sometimes show overt stereotypes as with stable sociolinguistic variables. Because changes from above share many of the properties of stable sociolinguistic variables, it is not surprising that the role of the sexes is similar, and women lead in both the acquisition of new prestige patterns and the elimination of stigmatized forms.*

PORTAL. A partir dessa divisão, pretendemos observar se há diferença entre as faixas etárias capaz de identificarmos processos de variação estável ou de mudança em progresso.

Segundo Labov (1994), quando formas inovadoras aparecem com frequência na fala de informantes mais jovens e decrescem com a idade, verifica-se uma mudança em progresso. Quando ocorre o contrário, as formas inovadoras ocorrem mais na fala de informantes mais velhos, conclui-se que o processo de variação está retrocedendo ou uma determinada variante está em processo de extinção.

De acordo com Netto (2011, p.114), referindo-se à semivocalização observada no dialeto caipira, como em *burbúia*, *biête*, *espaiado*, *muié* e *fïio*, para borbulha, bilhete, espalhado, mulher e filho, “as formas em que não há ponto de contato entre os articuladores são usadas preferencialmente por pessoas idosas, rurais ou “rurbanas”, em um conjunto de palavras bastante restrito a esse universo cultural” (NETTO 2011, p.114).

Acreditamos que os falantes mais jovens tenderiam a utilizar mais a variante palatal ao contrário dos falantes mais velhos que utilizariam com maior frequência a aproximante.

4.2.1.3 Faixa escolar

Os informantes foram divididos em duas faixas escolares: menos de 9 anos de escolaridade (ensino fundamental) e mais de 11 anos de escolaridade (ensino médio completo), seguindo os critérios estabelecidos pelo Projeto PORTAL.

Acreditamos que os processos aqui pesquisados sofrem influência da variável *escolaridade*, com os menos escolarizados favorecendo a lateral alveolar e a aproximante palatal, o que pode ser corroborado em resultados de pesquisas sobre o tema em outros falares do PB. Em geral, as pessoas mais escolarizadas tendem a evitar variantes socialmente estigmatizadas. A expectativa é que falantes com grau mais baixo de instrução apresentem maior tendência às formas consideradas estigmatizadas na comunidade. Acreditamos, concordando com outros estudos de (MADUREIRA (1987, 1997), SOARES (2008), FREIRE (2011) e SANTOS (2012)), que a semivocalização seja um processo socialmente estigmatizado. Apesar de não investigarmos tal hipótese por meio da realização de testes de percepção, o favorecimento de certas variantes entre os menos escolarizados nos fornece indícios do estigma de tal variante.

4.2.1.4 Cidade

Neste trabalho, o objetivo de analisar o falar de diferentes regiões é o de possibilitar a compreensão da variação linguística em sua dimensão diatópica.

De acordo com dados do governo do estado de Alagoas (ALAGOAS, 2014⁸), o estado compõe-se de três mesorregiões (Agreste, Leste e Sertão Alagoanos) e treze microrregiões. O objetivo do projeto PORTAL é coletar dados de, pelo menos, uma cidade em cada uma dessas microrregiões. Atualmente, o PORTAL apresenta dados de dez cidades alagoanas, uma em cada microrregião. Nesta pesquisa, investigaremos o falar de seis dessas cidades; aquelas que, à época da análise dos dados, compunham o banco de dados do PORTAL.

Nossa hipótese é a de que a variante lateral alveolar seja mais sensível à variação diatópica, constituindo-se como traço de marcação dialetal. Considerando os estudos analisados na revisão de literatura (SOARES (2008), FREIRE (2011) e SANTOS (2012)), a semivocalização parece ser um processo mais geral que, provavelmente, não caracteriza-se como marcação dialetal; porém, diversos trabalhos afirmam que o processo é menos produtivo nas regiões urbanas. Assim, espera-se que haja menor produção de tal variante na cidade de Maceió e Arapiraca e maior produção em cidades menores, como São Miguel dos Milagres.

4.2.2 Variáveis Linguísticas

As variáveis linguísticas a serem investigadas nesta pesquisa são: tamanho da palavra, contexto anterior e seguinte, e tonicidade.

4.2.2.1 Contexto precedente e seguinte

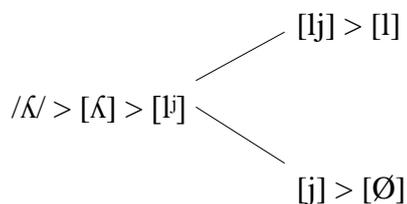
Schane (1975, p.89) afirma que

A maioria dos processos fonológicos pode ser explicada como fenômenos articulatórios ou de percepção. A assimilação tem explicação natural na coarticulação. Durante a formação de um som, os órgãos articulatórios podem estar antecipando a articulação de outro som e, conseqüentemente, o primeiro som será modificado na direção do segundo, ou a articulação do primeiro será estendida a do segundo. Os efeitos da coarticulação são prontamente observados quando consoantes se tornam palatalizadas ou labializadas diante de vogais palatais (anteriores) ou labiais (arredondadas) (...).

⁸ Alagoas em Mapas [material cartográfico]. Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico. - 2. ed. - Maceió: SEPLANDE, 2014.

Madureira (1987) afirma que “é possível imaginar que vogais palatais favoreçam a realização da variante padrão [ʎ] e vogais posteriores, as outras variantes” (MADUREIRA 1987, p.37).

Wetzels (1992) afirma que a lateral palatal pode ser analisada como um segmento complexo, visto que sua estrutura interna é composta por uma articulação primária consonantal e uma secundária vocálica. Soares (2008), em uma análise variacionista e fonológica das soantes palatais, corrobora a proposta de Wetzels (1992). A autora conclui que a variação na lateral palatal ocorre em três etapas: (1) a formação de um segmento palatalizado [ɮ] seguido de uma bifurcação de processos; (2) a *despalatalização*, que consiste na simplificação do segmento em sua parte não palatal [lj] ou, por outro lado, a *semivocalização* [j] e (3) o apagamento da semivogal, conforme podemos observar no esquema a seguir.



Se considerarmos a segunda etapa, podemos supor que uma vogal seguinte anterior influenciasse na realização da variante [l] visto que, considerando a presença de dois segmentos fonologicamente semelhantes e adjacentes, agiria o *princípio do contorno obrigatório*. Assim, ao contrário da visão de Madureira (1987), vogais anteriores ([+coronais]) favoreceriam a variante [l] e desfavoreceriam [ʎ].

Temos então duas hipóteses: vogais anteriores ([+coronal]) favoreceriam a variante palatal no contexto precedente e a variante alveolar no contexto seguinte. Os fatores das variáveis contexto precedente e contexto seguinte serão: [+coronal] e [-coronal].

4.2.2.2 Tonicidade

Pinheiro (2009) afirma que

[...] quanto mais distante o segmento estiver da sílaba tônica, mais suscetível à variação estará. Além disso, estudos sobre a aquisição da linguagem destacam a vulnerabilidade da sílaba átona, sendo a mesma mais propícia a processos fonológicos. (PINHEIRO, 2009, p.46-47).

Em relação à lateral palatal, Madureira (1987, p.38) afirma que:

A transformação da lateral palatal para a semivogal palatal constitui-se num processo de redução. A evolução das línguas registra vários casos em que a sílaba átona mostra-se como favorecedora dos processos de redução. Dessa maneira, há possibilidades de que a sílaba átona favoreça a ocorrência de /y/, de /l/ e do apagamento.

Nossa hipótese é a de que a sílaba átona desfavorece a despalatalização e a semivocalização. A variável *tonicidade* corresponderá à tonicidade da sílaba que contém a consoante palatal. Os fatores dessa variável serão: átona e tônica.

4.2.2.3 Tamanho da palavra

Soares (2008) defende que palavras mais extensas provocariam “uma variação a favor de [j], pois a perda da substância fônica em palavras de maior extensão é um fato bastante comum às línguas”. Além disso, a autora afirma que as estruturas de maior extensão são fortes candidatas à assimilação (SOARES, 2008, p. 115).

Nossa hipótese é a de que quanto maior o vocábulo mais ele estaria sujeito à despalatalização e, especialmente, à semivocalização. Os fatores dessa variável serão: monossílabos, dissílabos, trissílabos e polissílabos.

4.2.3 Indivíduo

O *indivíduo* será analisado como variável de nível mais agregado para o modelo de regressão multinível. A inserção da variável *indivíduo* permite medir o quanto da variação pode ser explicada pela variabilidade entre *indivíduos* e controlar efeitos individuais sobre os processos, permitindo a mensuração dos efeitos das variáveis sociais, porém controlando discrepâncias geradas no nível dos *indivíduos*.

4.2.4 Item lexical

O *item lexical*, assim como o *indivíduo*, será analisado como variável de nível mais agregado no modelo de regressão multinível. A inserção de tal variável permite medir o quanto da variação pode ser explicada pela variabilidade entre *itens lexicais* e controlar efeitos lexicais sobre os processos, permitindo a mensuração dos efeitos das variáveis linguísticas, porém controlando discrepâncias geradas no nível dos *itens lexicais*.

4.2.5 Frequência do item lexical

Baseados nos estudos já apresentados (MADUREIRA (1987, 1997); PINHEIRO (2009) e FREIRE (2011)), acreditamos que os processos aqui analisados ocorram por difusão lexical. De acordo com a teoria da difusão lexical (DL), a mudança sonora atingiria cada item individualmente; ela seria foneticamente abrupta e lexicalmente gradual. Para compreender a mudança, seria necessário considerar a individualidade dos itens lexicais para chegar às razões pelas quais certos itens mudam e outros não, ou por que a mudança se inicia por alguns itens específicos.

A hipótese, levantada por Phillips (1984), é a de que mudanças fisiologicamente motivadas (baseadas na fisiologia dos gestos articulatórios) afetam primeiramente as palavras mais frequentes. Gestos articulatórios envolvidos na fala tornam-se mais automatizados por causa da repetição.

A variável *frequência do item lexical* será uma variável contínua e corresponderá ao número de vezes que o item lexical apareceu no *corpus*.

4.3 Criação do banco de dados

O banco de dados foi criado em uma planilha em que cada coluna correspondia a uma variável e cada linha a uma ocorrência da lateral palatal. As seguintes colunas foram criadas:

1. Código do participante;
2. Frase que contém a ocorrência;
3. Início: referente ao tempo inicial do intervalo que contém a ocorrência;
4. Fim: referente ao tempo final do intervalo que contém a ocorrência;
5. Variante: lateral palatal, lateral alveolar, aproximante palatal;
6. Item lexical: item lexical que contém, na escrita, as consoantes 'lh';
7. Sexo/gênero: feminino ou masculino;
8. Faixa etária: 18 a 30 anos; 40 a 55 anos e 65 anos ou mais;
9. Faixa escolar: menos de 9 anos de escolaridade ou mais de 11 anos de escolaridade;
10. Cidade: União dos Palmares, Arapiraca, Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema, Maceió ou São Miguel dos Milagres;
11. Vogal precedente: [+coronal] e [-coronal];
12. Vogal seguinte: [+coronal] e [-coronal];
13. Tonicidade: tônica ou átona;
14. Tamanho da palavra: monossílabos, dissílabos, trissílabos, polissílabos;
15. Frequência de ocorrência do item lexical (variável contínua)

4.4 Análise estatística

Na análise quantitativa, utilizaremos métodos inferenciais de análise estatística (tabelas de contingência, testes univariados e multivariados e métodos de regressão multinível).

A estimação dos efeitos associados às variáveis independentes será feita utilizando-se modelos de regressão logística multinível, um modelo multivariado que controla efeitos de variáveis mais agregadas. Faremos uma simulação de um modelo multinomial por meio da análise de dois modelos binomiais ($[i] \sim [I]$ e $> [i] \sim [j]$).

Os dados analisados neste trabalho possuem estrutura hierárquica já que as observações podem ser agrupadas segundo os *indivíduos* que as produziram e os *itens lexicais*. De acordo com Johnson (2008), os modelos de regressão multinível são mais adequados para dados que possuem estrutura hierárquica porque incorporam naturalmente essa estrutura na regressão.

Analisando dados de variação linguística, Johnson (2008) analisa comparativamente o modelo de regressão convencional (implementado no GoldVarb) e o modelo de regressão multinível. De acordo com o autor,

Como normalmente é executado, sem um grupo de fatores para o falante, o GoldVarb necessariamente ignora o agrupamento e trata cada símbolo como se fosse uma observação independente. Isso leva o programa a superestimar - potencialmente drasticamente - o significado dos efeitos externos, os de fatores sociais como sexo e idade. De fato, o GoldVarb frequentemente incluirá um ou mais efeitos externos em sua melhor execução de regressão passo a passo, mesmo que as diferenças envolvidas sejam realmente muito prováveis devido à variação individual combinada com o acaso⁹ (JOHNSON 2008, p. 363). (Tradução nossa).

Oliveira (2012) afirma que, ao desconsiderarmos a variabilidade entre os *indivíduos* e *itens lexicais*, o modelo convencional superestima o efeito das variáveis sociais e linguísticas, apresentando resultados que não explicam adequadamente a interferência de *indivíduos* e *itens lexicais* sobre o processo em estudo.

⁹ As it is usually run, without a factor group for speaker, GoldVarb necessarily ignores the grouping and treats each token as if it were an independent observation. This leads the program to overestimate – potentially drastically – the significance of external effects, those of social factors like gender and age. Indeed, GoldVarb will often include one or more external effects in its best stepwise regression run even if the differences involved are really quite likely to be due to individual variation combining with chance.

A estimativa do quanto da variabilidade observada pode ser explicada pelos níveis mais agregados (indivíduo e item lexical) é obtida por uma medida denominada *coeficiente de correlação intraclasse* (CCI).

Dois testes estatísticos serão utilizados neste trabalho: o *teste da razão da máxima verossimilhança* (TRMV) e o *teste de Wald* (TW). O TRMV analisa a significância estatística entre variáveis independentes, permitindo identificar variáveis independentes estatisticamente significativas e hierarquizar tais variáveis; o TW analisa a significância estatística entre fatores no interior das variáveis independentes, permitindo identificar fatores que apresentam efeitos estatisticamente diferentes da média dos efeitos dos fatores em uma variável independente.

A hipótese nula do TRMV é a de o efeito de uma variável independente em um modelo de regressão é igual a 0. A hipótese alternativa é a de que o efeito de tal variável é diferente de 0. A significância do teste mede a probabilidade de cometermos um erro ao negarmos a hipótese nula, sendo a hipótese nula verdadeira. Tradicionalmente, nas ciências sociais, assumimos que há significância estatística quando a probabilidade de cometermos um erro ao negarmos a hipótese nula é $<0,05$. Quanto menor a significância no TRMV, maior o poder explicativo da variável independente sobre a variável dependente.

No Varbrul e no GoldVarb (softwares tradicionalmente utilizados na análise da variação linguística), o TRMV é utilizado nas rotinas step-up e step-down. Neste trabalho, faremos a seleção e a hierarquização das variáveis estatisticamente significativas utilizando um método semelhante ao step-down. Todas as variáveis independentes serão incluídas no modelo. As variáveis serão retiradas uma a uma considerando a maior significância no TRMV. O modelo final será aquele que contém somente variáveis que apresentam significância $<0,05$. A hierarquização das variáveis estatisticamente significativas será feita pela significância estatística de cada variável incluída no modelo final. O TRMV também será utilizado para testar a interação entre variáveis sociais.

A hipótese nula do *teste de Wald* é a de que o efeito de um fator em uma variável independente é igual à média dos efeitos dos fatores dessa variável. A hipótese alternativa é a de que o efeito de tal fator é diferente da média dos efeitos dos fatores. Da mesma forma, a significância do TW mede a probabilidade de cometermos um erro ao negarmos a hipótese nula, sendo a hipótese nula verdadeira. Quanto menor a significância no TW, maior a diferença entre o efeito de um fator e a média dos efeitos dos fatores. No Varbrul e no GoldVarb, a média dos efeitos dos fatores é dada pelo que se chama, tradicionalmente, de efeito neutro (peso relativo igual a 0,50). O TW permite verificar se o efeito de um fator é

estatisticamente diferente do efeito neutro. Tal teste é bastante útil para pesos relativos próximos de 0,50.

Neste trabalho, a análise estatística será feita com o auxílio do software R, utilizando os pacotes ‘gmodels’ (para gerar tabelas de contingência) e ‘lme4’ (para regressão logística multinível, TRMV e TW).

5 RESULTADOS

A partir da análise do *corpus* de fala espontânea constituído por entrevistas de 144 participantes moradores de seis (6) cidades alagoanas, identificamos 2.656 (duas mil, seiscentas e cinquenta e seis) ocorrências do processo variável em análise. A tabela a seguir mostra a distribuição das variantes da consoante lateral palatal [ʎ], [l] e [j].

Tabela 2: Distribuição das variantes [ʎ], [l] e [j]

Variantes	Total	%
[ʎ]	1.724	65%
[l]	504	19%
[j]	428	16%
Total	2.656	

Fonte: elaboração própria

Dentre as ocorrências analisadas, obtivemos 1.724 realizações da lateral palatal¹⁰ [ʎ] (65%), 504 realizações da variante [l] (19%) e 428 realizações da variante [j] (16%).

Apresentamos a seguir uma tabela comparativa dos percentuais desta pesquisa com o dos estudos apresentados na revisão de literatura.

Tabela 3: Distribuição comparativa das variantes nos estudos analisados

¹⁰ De acordo com Quandt (2014) as variantes [ʎ] e [lj] são muito semelhantes do ponto de vista articatório e acústico. Por essa razão, agrupamos as variantes [ʎ] e [lj].

Variantes	Madureira (1987-1997) Belo Horizonte (MG)	Castro (2006) Matijão, Jaboticatubas, MG	Soares(2008) Pará	Pinheiro (2009) Belo Horizonte (MG)	Freire (2011) Jacaraú (Paraíba)	Santos (2012) Papagaios (MG)	Este estudo
[ʎ]	86%	40%	59%	70,6%	66,7%	80,3%	66%
[ly]	-	-	33%	-	-	-	-
[l]	-	-	-	-	8,3%	-	19%
[y]	14%	60%	7%	21,9%	16,8%	19,7%	16%

Fonte: Elaboração própria

Comparando os resultados de outros estudos com os resultados encontrados neste trabalho, podemos constatar que o comportamento dos falantes com relação ao uso das variantes analisadas é relativamente similar, indicando que, no português brasileiro (PB), em geral, há uma preferência pelo uso da variante [ʎ], com exceção de Castro (2006), que realizou sua pesquisa em uma comunidade de remanescentes quilombolas.

Ao iniciarmos a análise, notamos que o pronome *lhe* foi produzido 41 vezes e que, em todas elas, a variante observada foi a lateral alveolar. Devido à alta frequência desse item e à sua realização categórica como lateral alveolar, decidimos por retirá-lo da análise e analisarmos somente itens lexicais com duas ou mais sílabas. Nossa hipótese, que será testada nas análises a seguir, é a de que a realização categórica da variante [l] no item *lhe* esteja associada à vogal seguinte alta e anterior e à atonicidade desse pronome. A tabela a seguir mostra a distribuição das variantes da consoante lateral palatal [ʎ], [l] e [j] excluindo-se o pronome *lhe*.

Tabela 4: Distribuição das variantes [ʎ], [l] e [j] (itens com duas ou mais sílabas)

Variantes	Total	%
[ʎ]	1.723	67,0%
[l]	423	16,4%
[j]	428	16,6%
Total	2.574	

Fonte: Elaboração própria

Nesta pesquisa, utilizamos o modelo estatístico de regressão multinível, como visto na seção de metodologia. Serão consideradas como variáveis de níveis mais agregados os *indivíduos* e os *itens lexicais*. O uso desse modelo permite que efeitos individuais e lexicais

sejam controlados por tais níveis e que os efeitos de variáveis linguísticas e sociais sejam evidenciados mais claramente.

Como vimos, a variável em análise neste trabalho é multinomial $[\lambda] \sim [l] \sim [j]$. Utilizaremos uma simulação de um modelo multinomial fazendo duas análises binomiais: $[\lambda] \sim [l]$ e $[\lambda] \sim [j]$. A seleção das variáveis estatisticamente significativas e a hierarquização de tais variáveis será feita com o *teste da razão da máxima verossimilhança*. Utilizaremos o teste de Wald para testarmos se há diferença estatisticamente significativa entre o efeito dos fatores e a média dos efeitos dos fatores. Vejamos a análise de $[\lambda] \sim [l]$.

5.1 Análise de $[\lambda] \sim [l]$ (despalatalização)

Nesta seção, apresentaremos a análise das variáveis independentes em relação às variantes $[\lambda]$ e $[l]$. A tabela a seguir apresenta a significância das variáveis independentes que não apresentaram significância estatística (significância $> 0,05$) e que deverão ser excluídas do modelo de regressão logística multinível.

Tabela 5 – Análise multivariada de regressão para as variáveis excluídas no processo de despalatalização

Variáveis excluídas do modelo completo	Significância
Tamanho da palavra	0,90976
Tonicidade	0,21701
Frequência	0,09780

Fonte: Elaboração própria

Na tabela anterior, as variáveis independentes não significativas estão ordenadas em ordem decrescente da significância no TRMV. A variável *tamanho da palavra* é a variável que apresenta maior significância estatística e, portanto, a que menos explica a variação entre $[\lambda]$ e $[l]$. Concluímos que as variáveis *tamanho da palavra*, *tonicidade* e *frequência* não apresentaram significância estatística para a variação entre $[\lambda]$ e $[l]$.

Na tabela a seguir, apresentaremos as variáveis que apresentaram significância estatística, incluído a interação entre *sexo/gênero* e *faixa etária*.

Tabela 6 – Análise multivariada de regressão para as variáveis incluídas no processo de despalatalização

Variáveis incluídas no modelo completo	Significância
Contexto seguinte	0,0000000644
Sexo/gênero * Faixa etária	0,000371

Contexto anterior	0,00272
Faixa escolar	0,01789

Fonte: Elaboração própria

A ordem das variáveis na tabela anterior se dá pela ordem crescente da significância. Quanto menor a significância, menor a probabilidade de cometermos um erro ao negarmos a hipótese nula (de que a variável independente não exerce influência sobre o processo variável). Assim, quanto menor a significância, maior o poder explicativo da variável independente.

Vejamos análise das variáveis independentes estatisticamente significativas na variação entre [ʎ] e [l]:

Tabela 7 – Variável *contexto seguinte* no processo de *despalatalização* (análise multivariada de regressão logística multinível)

Fatores	Exemplos	Total [ʎ]+[l]	% [l]	PR	Sig.
[+coronal] /ε, e, i/	mul <u>h</u> er, acol <u>h</u> imento, escol <u>h</u> er	424	38,2%	0,66	0,001
[-coronal] /a, ɔ, o, u/	escol <u>h</u> a, ju <u>l</u> ho, ol <u>h</u> a	1.722	15,2%	0,34	0,001
Total		2.146	16,4%		
Significância <0,001			Fonte: Elaboração própria		

Observamos na tabela anterior que a variante [l] é favorecida pelo traço [+coronal] da vogal que sucede a variante, como em “mulher” e “acolhimento” /ε, e, i/ (PR=0.66).

A variável *contexto anterior* considera a posição da vogal que antecede as variantes da lateral palatal.

Tabela 8 – Variável *contexto anterior* no processo de *despalatalização* (análise multivariada de regressão logística multinível)

Fatores	Exemplos	Total [ʎ]+[l]	% [l]	PR	Sig.
[+coronal] /ε, e, i/	p <u>l</u> ha, t <u>l</u> ha, v <u>l</u> ha	913	13,1%	0,45	0,042
[-coronal] /a, ɔ, o, u/	trabal <u>h</u> o, ol <u>h</u> a, ju <u>l</u> ho	1.233	24,6%	0,55	0,042
Total		2.146	16,4%		
Significância >0,001			Fonte: Elaboração própria		

Quanto ao *contexto anterior*, observamos que a variante [l] é favorecida pelo traço [-coronal] da vogal que sucede a variante, como em “escolha”, “julho” e “olha” /a, ɔ, o, u/ (PR=0.55).

Observemos os resultados para a variável *cidade*¹¹:

Tabela 9 – Variável *cidade* no processo de *despalatalização* (análise multivariada de regressão logística multinível)

Cidade	Total [λ]+[1]	% [1]	PR	Sig.
Delmiro Gouveia	332	23,8%	0,62	0,017
Arapiraca	320	25,0%	0,58	0,108
União dos Palmares	389	21,6%	0,57	0,138
Maceió	508	20,5%	0,51	0,854
Santana do Ipanema	249	14,5%	0,39	0,062
São Miguel dos Milagres	348	11,5%	0,33	0,003
Total	2.146	16,4%		

Significância <0,001

Fonte: Elaboração própria

Os resultados mostram que a variante [1] é favorecida em Delmiro Gouveia e desfavorecida em São Miguel dos Milagres. Nas demais cidades, o peso relativo não apresenta diferença estatisticamente significativa em relação à média dos efeitos.

A tabela a seguir apresenta os resultados para a variável *faixa escolar*:

Tabela 10 – Variável *faixa escolar* no processo de *despalatalização* (análise multivariada de regressão logística multinível)

Faixa escolar	Total [λ]+[1]	% [1]	PR	Sig.
≤ 9 anos	1.076	22,6%	0,55	0,017
≥ 11 anos	1.070	16,8%	0,45	0,018
Total	2.146	16,4%		

Significância = 0,018

Fonte: Elaboração própria

Observamos que a variante [1] é favorecida pelas pessoas que possuem menos *escolaridade* (PR=0.55).

A tabela a seguir apresenta os resultados da interação entre as variáveis sociais *sexo/gênero e faixa etária*.

¹¹ Para a obtenção dos resultados apresentados na análise desta variável, utilizamos o teste de Wald e esse teste nos diz que: “quanto menor a significância dentro desse teste de Wald, maior a diferença entre os fatores”.

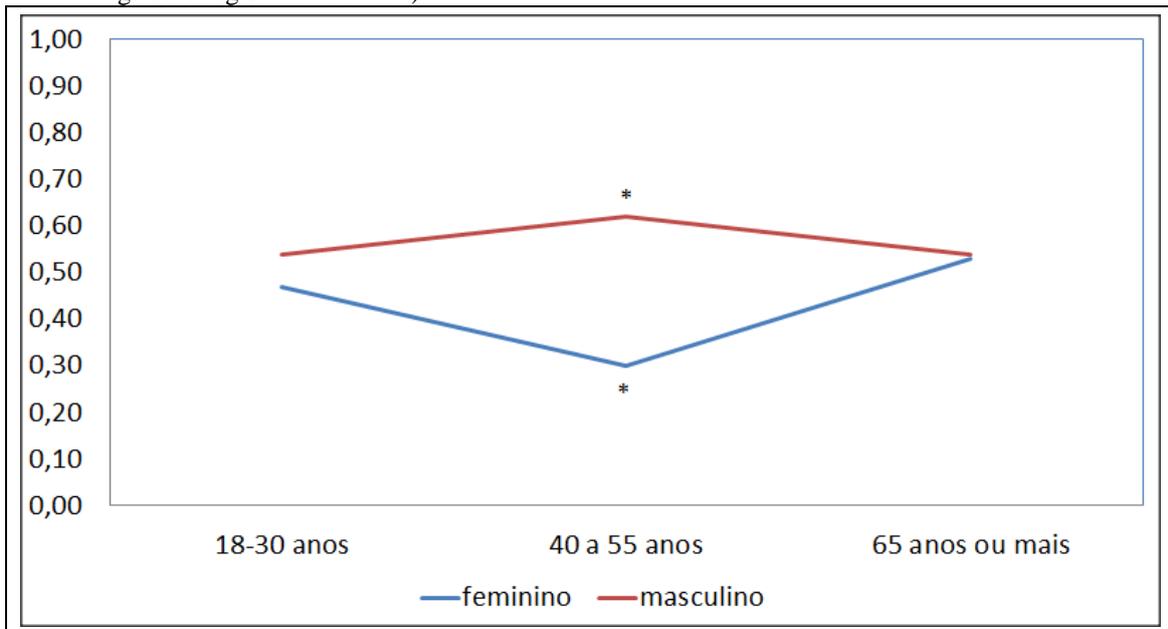
Tabela 11 – Variável *sexo/gênero* e *faixa etária* no processo de *despalatalização* (análise multivariada de regressão logística multinível)

Sexo/gênero * Faixa etária	Total [λ]+[l]	%[l]	PR	Sig.
feminino 18-30 anos	335	18,2	0,47	0,582
masculino 18-30 anos	266	20,3	0,54	0,477
feminino 40-55 anos	355	9,6	0,30	<0,001
masculino 40-55 anos	375	23,7	0,62	0,012
feminino 65 anos ou mais	387	20,4	0,53	0,496
masculino 65 anos ou mais	428	24,8	0,54	0,365
Total	2.146	16,4%		

Significância <0,001

Fonte: Elaboração própria

Gráfico 1 – Interação das variáveis *sexo/gênero* e *faixa etária* no processo de *despalatalização* (análise multivariada de regressão logística multinível)



Significância <0,001

Como podemos observar no gráfico anterior, a interação acontece pelas direções alternadas das retas. Observando há diferença entre os *sexo/gênero* em relação ao efeito da *faixa etária*: a variante [I] é favorecida entre homens adultos e desfavorecida entre mulheres adultas. Nenhum dos demais agrupamentos difere-se com significância estatística da média dos efeitos.

Apresentaremos a seguir os resultados para as variáveis *indivíduo* e *itens lexicais* na variável [Λ] ~ [I]. No modelo multinível, é possível medir o quanto da variação pode ser explicada pelas variáveis de níveis mais agregados. Isso pode ser feito pelo Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI). Vejamos os CCI's para as variáveis *indivíduo* e *item lexical* para a variável [Λ] e [I].

Tabela 12 - Variáveis de *nível agregado* no processo de *despalatalização* (análise multivariada de regressão logística multinível)

Variáveis agregadas	Variância	CCI
itens lexicais	0,2193	6,2%
indivíduo	0,6340	16,1%

Fonte: Elaboração própria

Os resultados para o CCI dos níveis foram 16,1% para *indivíduo* e 6,2% para *item lexical*. Esse resultado implica afirmar que 16,1% da variabilidade entre [Λ] e [l] podem ser explicados pela variação entre *indivíduos* e 6,2% pela variação entre os *itens lexicais*.

Veamos a seguir os resultados para a variável [Λ] ~ [j].

5.2 Análise de [Λ] ~ [j] (semivocalização)

Nesta seção, apresentaremos a análise das variáveis independentes em relação variável [Λ] ~ [j]. A tabela a seguir apresenta a significância das variáveis independentes que não apresentaram significância estatística e que deverão ser excluídas do modelo de regressão logística multinível.

Tabela 13 – Análise multivariada de regressão para as variáveis excluídas no processo de *semivocalização*

Variáveis excluídas do modelo completo	Significância
cidade	0,977067
contexto seguinte	0,809121
tamanho da palavra	0,677690
contexto anterior	0,447363
tonicidade	0,135175

Fonte: Elaboração própria

A ordem das variáveis na tabela anterior é listada pela ordem crescente da significância. Para a variação entre [Λ] e [j], verificamos que nenhuma variável linguística apresentou significância estatística (significância < 0,05).

Na tabela a seguir, apresentaremos as variáveis que apresentaram significância estatística.

Tabela 14 – Análise multivariada de regressão para as variáveis significativas no processo de *semivocalização*

Variáveis incluídas no modelo completo	Significância
faixa escolar	0,00000212
faixa etária	0,00015
sexo/gênero	0,01139
frequência	0,01240

Fonte: Elaboração própria

A ordem das variáveis na tabela anterior se dá pela ordem crescente da significância. Quanto menor a significância, maior o poder explicativo da variável independente. Não há interação estatisticamente significativa entre as variáveis sociais.

Veamos análise das variáveis independentes na variação entre [λ] e [j]. A tabela a seguir apresenta os resultados para a variável *faixa escolar*:

Tabela 15 - Variável *faixa escolar* no processo de *semivocalização* (análise multivariada de regressão logística multinível)

Faixa escolar	Total [λ]+[j]	% [j]	PR	Sig.
≤ 9 anos	1187	29,8%	0,70	0,001
≥ 11 anos	964	7,7%	0,30	0,001
Total	2.151	16,6%		

Significância <0,001

Fonte: Elaboração própria

Observamos na tabela anterior que o processo é favorecido pelas pessoas de *escolaridade* mais baixa (PR=0.70).

Analisaremos na sequência a variável *faixa etária*.

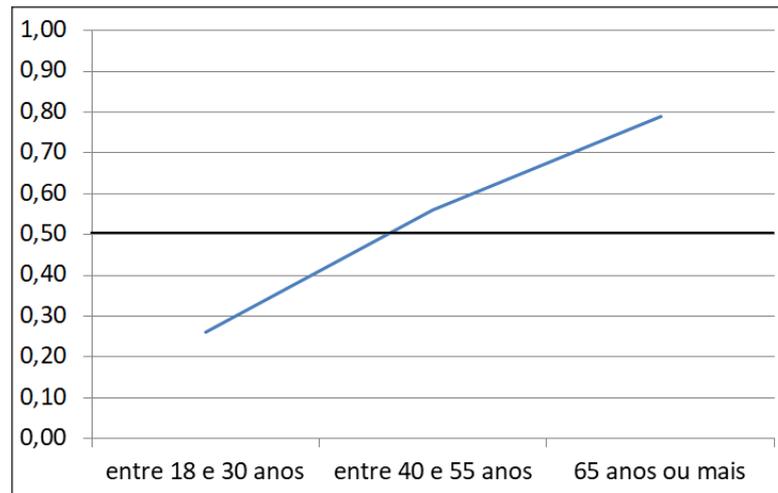
Tabela 16 - Variável *faixa etária* no processo de *semivocalização* (análise multivariada de regressão logística multinível)

Faixa etária	Total [λ]+[j]	% [j]	PR	Sig.
Entre 18 e 30 anos	513	5,3%	0,26	<0,001
Entre 40 e 55 anos	717	15,3%	0,56	0,301
65 anos ou mais	921	31,6%	0,79	0,001
Total	2.151	16,6%		

Significância <0,001

Fonte: Elaboração própria

Gráfico 2 – Variável *faixa etária* no processo de *semivocalização* (análise multivariada de regressão logística multinível).



Significância <0,001

Fonte: Elaboração própria

Os resultados expressos na tabela e no gráfico anterior evidenciam que há uma relação diretamente proporcional entre o uso da variante [j] e a *faixa etária* (quanto maior a faixa etária, maior a utilização de [j]): entre 18 e 30 anos (PR=0,26); entre 40 e 55 anos (PR=0,56) e 65 ou mais (PR=0,79).

Vejamos os resultados para a variável sexo/gênero.

Tabela 17 - Variável *sexo/gênero* no processo de *semivocalização* (análise multivariada de regressão logística multinível)

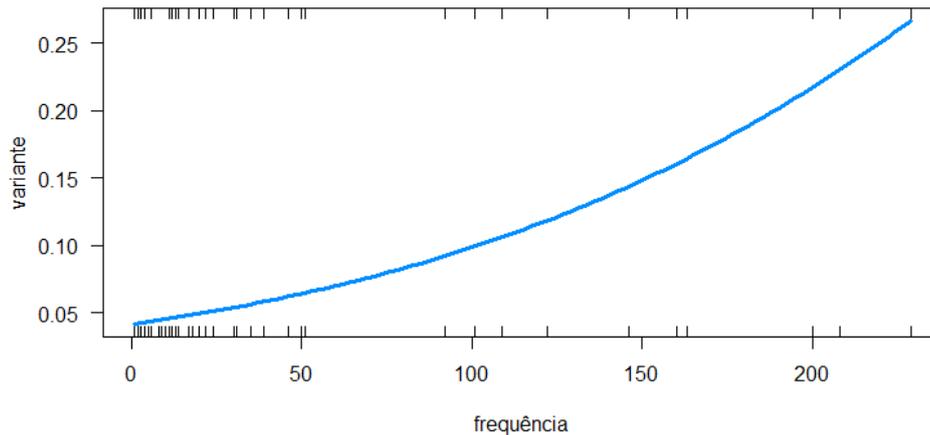
Sexo/Gênero	Total [k]+[j]	% [j]	PR	Sig.
feminino	1080	16,4%	0,39	0,011
masculino	1071	23,4%	0,61	0,011
Total	2.151	16,6%		

Significância=0,011

Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar na tabela anterior, a variante [j] é favorecida pelo *sexo/gênero* masculino (PR=0.61) e desfavorecida pelo feminino (PR=0,39).

Gráfico 3 – Variável *frequência* no processo de *semivocalização* (análise multivariada de regressão logística multinível)



Significância=0,012

Fonte: Elaboração própria

A partir do gráfico anterior, podemos observar que há relação estatisticamente significativa entre o aumento da *frequência* de ocorrência de um *item lexical* e a semivocalização da lateral palatal.

Apresentaremos a seguir os resultados para as variáveis *indivíduo* e *itens lexicais* na variável $[\lambda] \sim [j]$. Vejamos os CCI's para tais variáveis.

Tabela 18 - Variáveis de nível agregado no processo de *semivocalização* (análise multivariada de regressão logística multinível)

Variáveis agregadas	Variância	CCI
itens lexicais	2,355	41,7%
indivíduo	2,241	40,5%

Fonte: Elaboração própria

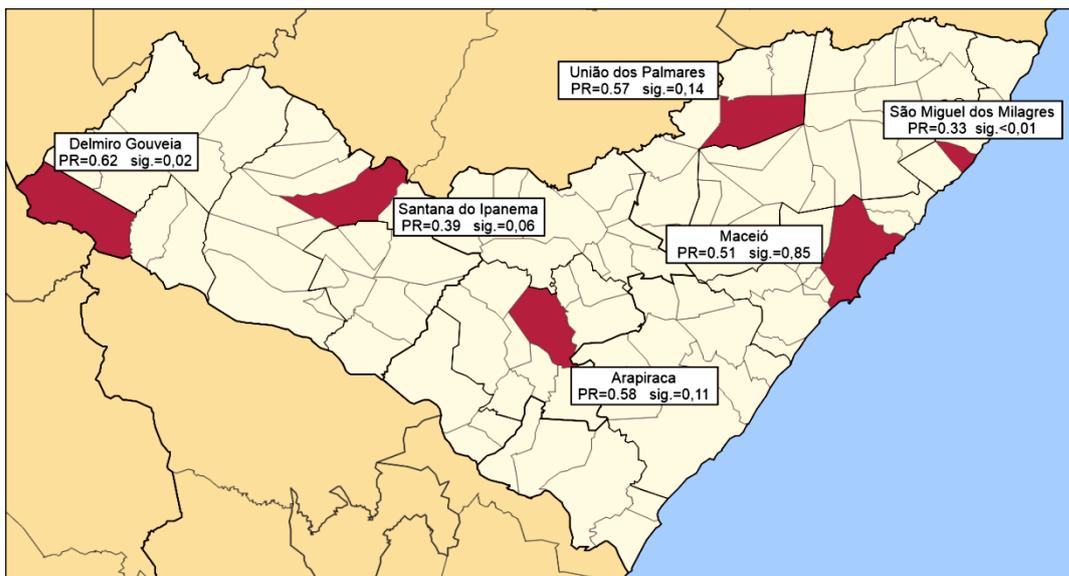
Os resultados para o CCI's dos níveis agregados foram 41,7% para *itens lexicais* e 40,5% para *indivíduo*. Esse resultado implica afirmar que 41,7% da variabilidade entre $[\lambda]$ e $[j]$ podem ser explicados pela variação entre *itens lexicais* e 40,5% pela variação entre os *indivíduos*. No total, temos que 82,2% da variação entre $[\lambda]$ e $[j]$ podem ser explicados pelas variáveis de nível mais agregado, restando somente 17,8% para ser explicado pelas variáveis não agregadas (variáveis independentes linguísticas e sociais).

5.3 Discussão

Nesta subseção, propomos uma discussão dos resultados, analisando de forma conjunta as evidências obtidas para as variáveis $[\lambda] \sim [l]$ e $[\lambda] \sim [j]$. Iniciemos pelas variáveis sociais.

Os processos diferenciam-se na dimensão diatópica. A variante $[j]$ é distribuída de forma mais uniforme nos diferentes falares e não apresenta realização diferenciada entre as *idades* pesquisadas neste estudo. A variante $[l]$, por sua vez, caracteriza-se como um processo de variação diatópica em Alagoas, como podemos observar no mapa a seguir:

Mapa 2: Despalatalização em Alagoas

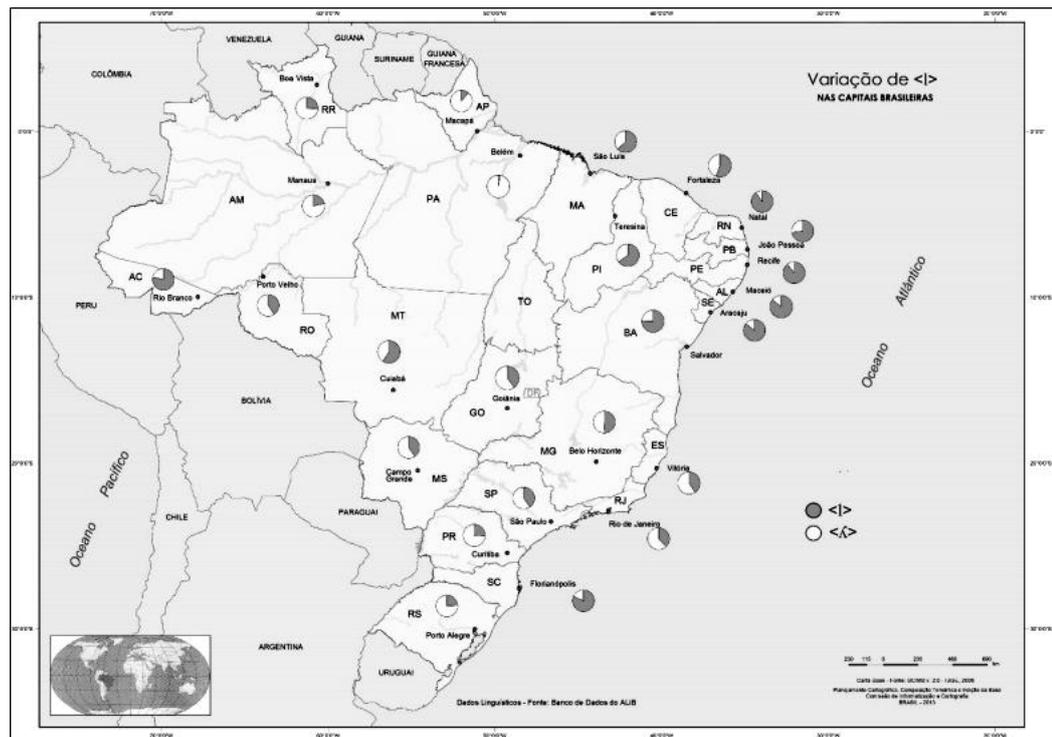


Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar, São Miguel dos Milagres desfavorece a despalatalização e Delmiro Gouveia favorece. As demais *idades* têm significância $> 0,05$, o que significa que não podemos diferenciar os pesos relativos do efeito neutro. Não identificamos estudos que demonstrem tal caracterização da despalatalização (como processo variável no nível diatópico) e da semivocalização (como processo não variável no nível diatópico).

De acordo com Oliveira (2007), a lateral alveolar é mais frequente nas capitais dos estados da região Nordeste (especialmente Natal, Recife, Maceió e Aracaju) do que nas capitais dos estados das demais regiões do Brasil (com exceção de Florianópolis), como podemos observar no mapa que segue:

Mapa 3: Distribuição da variação diatópica de /l/ nas capitais brasileiras.



Fonte: Oliveira, (2007)

Os resultados de Oliveira (2007) corroboram nossa hipótese de que a despalatalização constitui-se como marca dialetal.

A *escolaridade* é estatisticamente significativa em ambos os processos. Os resultados indicam que o aumento da *escolaridade* leva à diminuição no uso das variantes [l] e [j]. Para [j], a *escolaridade* é a variável que tem a maior significância dentre as variáveis significativas; para [l], é a que apresenta menor significância. Isso indica que a *escolaridade* exerce grande influência sobre [j] e pequena influência sobre [l].

Em relação às variáveis *sexo/gênero* e *faixa etária*, os resultados são pouco conclusivos para a variante [l], apesar de a interação mostrar-se como estatisticamente significativa. [l] é favorecida entre homens adultos e desfavorecida entre mulheres adultas. Todos os demais agrupamentos apresentaram efeito neutro. Trata-se, portanto, de um processo de variação estável. A diferença entre homens e mulheres na faixa etária intermediária merece ser investigada mais profundamente em estudos futuros.

Para a variante [j], podemos concluir que há um processo de mudança linguística em curso, com tendência ao desaparecimento da variante semivocalizada (o peso relativo para [j] entre os mais jovens é de 0,26; contra 0,56 na faixa etária intermediária e 0,69 entre os mais velhos). Associado a isso, observamos também um favorecimento da variante [j] pelo

sexo/gênero masculino. Com base nos resultados de outros estudos realizados no Brasil (SOARES (2008), FREIRE (2011) e SANTOS (2012) e nos resultados de nosso trabalho, podemos concluir que a semivocalização (diferentemente da despatalização) é, provavelmente, um processo socialmente estigmatizado (realizado, principalmente, pelos homens, idosos e pouco escolarizados) e que tende ao desaparecimento.

A partir de nossas análises, concluímos que a variante [j] não sofre interferência de nenhuma variável linguística, mas é favorecida por *itens lexicais* de *frequência* mais alta. A variante [l] não sofre interferência da *frequência*, mas é favorecida, principalmente, pelo *contexto seguinte* [-posterior] com (PR=0.66), o que caracteriza tal processo como um fonologicamente condicionado. Ou seja, a semivocalização seria um processo sem condicionadores linguísticos e que poderia ser explicado pela *frequência* das palavras; por outro lado, a despatalização seria condicionada linguisticamente e não sofreria interferência da *frequência*. De acordo com Wetzels (1992) e Matzenauer (1999), a líquida palatal é considerada um segmento complexo, visto que sua estrutura interna é composta por uma articulação primária consonantal e uma secundária vocálica¹². O *contexto seguinte* [+coronal] atua na despatalização apagando a articulação secundária ou, mais precisamente, a aproximante palatal gerada na despatalização.

Madureira (1987), Pinheiro (2009), Freire (2011) e Santos (2012) também concluíram que a semivocalização sofre interferência do *item lexical*. Nosso estudo se destaca por demonstrar, por meio de análise multivariada e multinível (controlando efeitos de *indivíduos* e de *itens lexicais*), a atuação da frequência dos *itens lexicais* na semivocalização, algo que não havia sido demonstrado ainda. Esse estudo atesta, portanto, a hipótese de que a semivocalização ocorre por difusão lexical, atingindo primeiramente as palavras mais frequentes. Atesta ainda que a frequência do *item lexical* não atua na despatalização. Temos, portanto, dois processos distintos, como defende a análise de Soares (2008).

A atuação do *item lexical* na semivocalização foi comprovada ainda pela análise do Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI), utilizado para medir o quanto da variação pode ser explicado pelos níveis mais agregados ‘*item lexical*’ e ‘*indivíduo*’ em um modelo de regressão multinível. Concluímos que a variação entre [ʎ]~[j] é muito influenciada pelos *indivíduos* e pelos *itens lexicais*. Diferentemente de [ʎ]~[l], que parece ser um processo

¹² Wetzels (2000, p.6) considera essa consoante como uma geminada fonológica, interpretação fundamentada no fato de que as sílabas que precedem uma soante palatal são sempre leves e que sempre se cria hiato no caso de sequências de vogal + vogal alta que precedem /j/, ʎ/ como em “moinho” e “faúlha”. Além disso, quando /j/ e /ʎ/ estão no *onset* da última sílaba da palavra, o acento não pode cair na antepenúltima sílaba, como em “alcunha” (*álcunha).

linguístico e social mais generalizado, atingindo de forma mais geral os *itens lexicais* e os *indivíduos*.

6. CONCLUSÃO

Na presente pesquisa analisamos a variação na consoante lateral palatal em falares alagoanos, buscando identificar as variáveis linguísticas e sociais que favorecem a variação em questão. Identificamos 1.724 ocorrências referentes à lateral palatal, 504 ocorrências referentes à lateral alveolar (despalatalização) e 428 ocorrências referentes à variante [j] (semivocalização).

Concluimos que não há variação no pronome oblíquo *lhe*, visto que todas as 41 realizações apresentaram somente a variante [l]. Também observamos que a semivocalização não sofre interferência de nenhuma variável linguística, mas é favorecida por *itens lexicais* de *frequência* mais alta e que a despalatalização não sofre interferência da *frequência*, mas é favorecida, principalmente, pelo *contexto seguinte* composto por vogais coronais, o que caracteriza o processo como fonologicamente condicionado. Na análise das variáveis agregadas *item lexical* e *indivíduo*, os resultados mostram a variação entre a semivocalização é muito influenciada pelos *indivíduos* e pelos *itens lexicais*; diferentemente da despalatalização, que parece ser um processo linguístico e social mais generalizado, atingindo de forma mais geral os *itens lexicais* e os *indivíduos*.

Em relação a variável cidade observamos que o processo de despalatalização pode ser caracterizado como um processo de variação diatópica em Alagoas, sendo favorecido na *cidade* de Delmiro Gouveia. A semivocalização, por outro lado, ocorre de forma mais uniforme nos diferentes falares e não apresentou realização diferenciada entre as cidades pesquisadas neste estudo.

Quanto as variáveis sociais, à variável *escolaridade*, concluimos que ela exerce grande influência a semivocalização, porém pequena influência sobre a despalatalização. Sobre a variável *sexo/gênero*, os resultados são pouco conclusivos para a despalatalização e apontam favorecimento do *sexo/gênero* masculino na semivocalização. Analisando a variável *faixa etária*, concluimos que a despalatalização é um processo de variação estável e que a semivocalização trata-se de um processo de mudança linguística em progresso, com tendência ao desaparecimento da variante semivocalizada.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M. do S. Silva de. Convergências fonéticas no falar da Paraíba e do Ceará. In: ISQUERDO, A. N. (Org.). (Org.). **Estudos Geolinguísticos e Dialectais Sobre o Português: Brasil/Portugal. Campo Grande - MS: ED. da UFMS**, v., p. 181-200, 2008.
- BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. **Manual de fonética acústica experimental: aplicações e dados do português**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.
- BERGO, V. **Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BRANDÃO, S. F. **Um estudo variacionista sobre a lateral palatal**. Revista Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 89-99, setembro de 2007.
- CASTRO, E. F. **Sobre o uso da semivogal /y/ e a inserção da lateral palatal /ʎ/ no Português Brasileiro**. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006. (Dissertação de Mestrado).
- CHAVES, L. M. do N; MELO, F. E. S. de. **A despalatização /ʎ/ na fala da zona urbana de Rio Branco (AC)**. Cadernos dos Anais do XIII do CNFL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.
- CRUZ, G. F. A. da. **O processo de semivocalização de líquidas em posição pré-vocálica: uma revisão teórica**. Letrônica, V. 2, n. 2, p. 48 – dezembro de 2009.
- ESPIGA, J. W. da R. **Influência do Espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português de fronteira**. (Dissertação de Mestrado), 1997.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2002.
- FERREIRA, M. M. **A variação da lateral palatal segundo transcrição do banco de dados Varsul**. Porto Alegre, 2011.
- FREIRE, J. B. **Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2011.
- KENSTOWICZ, M. **Phonology in generative grammar**. Blackwell Publisher, Cambridge, 1994.
- JOHNSON, D. E. **Getting off the GoldVarb standard: introducing Rbrul for mixed-effects variable rule analysis**. Language and Linguistics Compass, 2008 3/1: 359-383.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Vol. I: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Vol. II: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

MADUREIRA, E. D. **Difusão lexical e variação fonológica: o fator semântico**. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, ano 6, n.5, v.1, p.5-22, jan./jun. 1997.

MADUREIRA, E. D. **Reanálise de alguns aspectos da vocalização da lateral palatal no português**. Revista de Estudos da Linguagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v8, n1, p.125-145. jan/jun. 1999.

MADUREIRA, E. D. **Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.

MARTINS, I. F. e M. Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionista e fonológica. In: **Estudos Sociolinguísticos – perfil de uma comunidade**. HORA (Org.). - João Pessoa: Editora Pallotti, 2004.

MATZENAUER, C.L.B. Aquisição da fonologia e implicações teóricas: um estudo sobre as soantes palatais. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (org.). **Aquisição da linguagem: Questões e Análises**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, L. Social networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLINGESTES, N. (Ed.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2004. p.573-600.

NETTO, W. F. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. 2ª edição. São Paulo: Paulistana, 2011.

OLIVEIRA, A. J. **‘Comendo o final das palavras’: análise variacionista da haploglia, elisão e apócope em Itaúna/MG**, Belo Horizonte, FALE/UFMG, Tese (doutorado em linguística), 2012.

OLIVEIRA, D. de A. L. de; MOTA, J. A. **As variantes do fonema lateral palatal em inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB)**. III Seminário de pesquisa em Estudos Linguísticos e do III Seminário de Pesquisa em análise de Discurso. Anais. Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb, 2007.

PHILLIPS, B. S. **Word frequency and the actuation of sound change**. Language 60(2), 320-342, 1984.

PINHEIRO, N. A. **O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SANTOS, K. B. **Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

SHANE, S. A. **Fonologia gerativa**. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1975.

SHEN, Z. Lexical diffusion: **a population perspective and a mathematical model**. Journal of chinese linguistics, vol.18, p.159-201, 1990.

SILVA, A. H. P. **Para a descrição fonético-acústica das Líquidas no Português Brasileiro: dados de um Informante Paulistano**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, E. B. da. **A Substituição da Soante Palatal /λ/: Uma representação linear**. Dissertação de Mestrado, 1997.

SILVA, G. M. de O & PAIVA, M. A. **Visão de conjunto das variáveis sociais**. In: SILVA, G & SHERRE, M. M. **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 336-78, 1996.

SOARES, E. P. M. **As laterais palatal e nasal no falar paraense: Uma análise sociolinguística e fonológica**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil, 2008.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

WETZELS, W. L. **Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 23, p.19-55, 1992.

WIENREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2006.

ANEXO 1

Roteiro das Entrevistas

“Conte uma lembrança importante...”

- a. Da sua infância em casa.
- b. Da sua infância na escola.
- c. Da sua infância com amigos.
- d. Da sua infância com os pais.
- e. Da sua infância com os avós.
- f. Da infância dos seus filhos em casa (caso tenha filhos).
- g. Da infância dos seus filhos na escola (caso tenha filhos).
- h. Da sua juventude.
- i. De relacionamentos amorosos (marido/esposa, namorado(a), etc.) (como conheceu o marido/esposa, namorado(a), etc)

“Conte com o máximo de detalhes possível”

- j. Como era a casa em que você morava quando você tinha 10 anos
- k. Como era a cidade na sua infância.
- l. Um filme que você assistiu ou um livro que você leu há mais de 6 meses
- m. O que você fez na segunda-feira da semana passada

O que você pensa sobre”

- n. pena de morte
- o. aborto
- p. casamento entre pessoas do mesmo sexo

ANEXO 2

Questionário Social

Data da entrevista / /	Local da entrevista: <input type="checkbox"/> casa do participante <input type="checkbox"/> outro. Qual?		
Nome completo do entrevistador	Idade:	Sexo/Gênero: <input type="checkbox"/> masc. <input type="checkbox"/> fem.	
Nome completo do participante	Idade:	Sexo/Gênero: <input type="checkbox"/> masc. <input type="checkbox"/> fem.	
Endereço completo do participante:			
Telefones de contato do participante:			
Bairro e cidade de nascimento do participante:			
Escolaridade do participante e idade de conclusão:			
Em que escola(s) estudou? Listar as 3 mais importantes			
Escolaridade da(s) pessoa(s) que cuidavam do participante na infância (pais, avós, etc.)			
Já morou em outro local (outro bairro, cidade, estado ou país)? Listar todos os locais (colocar a idade que o participante tinha na época em que morou no local e o tempo de moradia)			
A qual classe social o participante diz pertencer? <input type="checkbox"/> alta <input type="checkbox"/> média alta <input type="checkbox"/> média baixa <input type="checkbox"/> baixa			
Ocupação atual (profissão)			
Ocupações anteriores e duração da ocupação			
O que costuma fazer nas horas vagas?			
O que costuma fazer para se divertir?			
Com quem costuma conversar durante a semana? (no trabalho, em casa, na rua, etc.)			
Com quem costuma conversar nos fins de semana? (no trabalho, em casa, na rua, etc.)			
Em média, quantas horas passa lendo por dia? (qualquer leitura)			
Que tipo de leitura costuma fazer?			
Em média, quantas horas passa assistindo TV por dia?			
Que tipo de programas assiste com mais frequência na TV?			
Em média, quantas horas passa na internet por dia?			
Que tipo de sites utiliza com mais frequência na internet?			
Já fez algum curso? Qual? Qual a duração?			
Tem costume de viajar? Com que frequência? Para onde já viajou?			

ANEXO 3

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) da pesquisa “Português alagoano”, recebi de _____, estudante da Universidade Federal de Alagoas, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- Que a pesquisa é de responsabilidade de Alan Jardel de Oliveira, professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas
- Que a pesquisa destina-se à criação de um banco de dados de falares alagoanos.
- Que a importância desta pesquisa é a de permitir uma melhor compreensão sobre a língua falada em Alagoas.
- Que os resultados que se desejam alcançar são: descrição e análise de processos linguísticos em Alagoas.
- Que essa pesquisa começará em 01/11/2013 e terminará em 01/11/2016.
- Que a pesquisa será feita da seguinte maneira: o pesquisador gravará uma entrevista comigo, a qual será, posteriormente, analisada por meio de métodos linguísticos e estatísticos, juntamente com entrevistas realizadas com outros participantes.
- Que eu participarei somente da etapa de gravação da entrevista.
- Que não haverá incômodos ou riscos à minha saúde física e mental com a minha participação na pesquisa.
- Que não haverá benefícios diretos por minha participação.
- Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.
- Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.
- Que eu não precisarei desembolsar nenhuma quantia para participação na pesquisa.
- Que eu deverei ser indenizado caso me sobrevenha algum dano decorrente da participação na pesquisa.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso **eu dou o meu consentimento sem que para isso eu tenha sido forçado ou obrigado.**

Endereço completo do participante:

Telefone(s) _____ Maceió, ____/____/_____

Contato do responsável pela pesquisa:

Instituição: Universidade Federal de Alagoas / Faculdade de Letras

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Cidade Universitária/CEP: 57072900/Maceió/AL

Telefones p/contato: (82) 32121332 – (82) 81369966

Assinatura do participante	 Assinatura do responsável pela pesquisa
Assinatura do responsável pela entrevista	